

AUTORES & LIVROS

Ano X
Agosto de 1950

Director e redactor: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO: — Cr\$ 3,00

Volume XI
N.º 8

Noticia sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes

Nascido no Rio de Janeiro, "entre o primeiro e o segundo quartel do século XVIII", diz Blake. Foi almoçado dos armazéns de sua cidade natal, por escolha de Gomes Freire de Andrade, seu amigo e protector. Foi um dos fundadores da Academia dos Selectos. Falleceu no Rio de Janeiro, em 1800 ou 1819.

Reservar:
— Discursos politicos-morais, com governos com vasta erudição das Divinas e humanas Letras, a fim de deslutar do mundo os vícios mais inculcados e dispendiosos. Feliciano Nunes, dedicado ao Ilmo. e Exmo. Sr. Sebastião José de Carvalho e Melo, do Conselho de Sua Magestade e Secretario de Estado dos negocios do Reino, etc. por seu autor Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, natural da Cidade do Rio de Janeiro, Lisboa, na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1758. 1311-268 págs.

— 2.ª edição — com prefácio de Eudlio Joaquim da Silva Maia — Rio, 1881.

DISCURSOS POLITICOS-MORAIS — Feliciano Joaquim de Sousa Nunes — Segunda edição do texto da 1.ª edição impressa por ordem do Marquês de Pombal em 1758. — 1331. Officina Industrial Oliveira, Rua da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, 19-45, 143 x 84, do 2.º e 3.º pags. Contém: "O autor do livro", por Alberto de Oliveira; frontispício fac-símile da 1.ª edição (1758) (1758) e a reprodução da obra dividida em dedicatória, cartas epigramas e romance, e VII Diatribas.

A primeira edição do livro, tal como a conhecemos, é de Blake, e a seguinte: Feliciano Nunes levou a sua obra do Brasil para Lisboa já redigida, e ficando a abranger vários volumes. Deixou o primeiro desses volumes no fidei-juramento de Pombal, sem prévia aprovação do poderoso ministro. Este se considerou ofendido, representando ao escritor, acusando-o de proferir doutrinas anárquicas, e ordenando-lhe que regressasse ao Brasil, não sem antes queimar os exemplares de sua obra. Isto foi feito. Salvando-se porém, da edição, três exemplares, que antes da sentença de Pombal já tinham sido enviados para o Rio de Janeiro. De um desses exemplares a Revista Brasileira e a Biblioteca Brasileira publicaram extratos.

Tentamos avançar da chegada do livro, e Exmo. Sr. Marques do Larrey à Cidade do Rio de Janeiro por meio do cavaleiro general do Estado do Brasil — Lisboa — 1771.

Em seu verso em prosa.

— Demonstração do maior fútil no mundo dia 12 de Março de 1769 em que se creyem os anos do Ilmo. e Exmo. Sr. Cade de Ascanjão — Lisboa — 1771.

Feliciano Panegirico. ...
Discursos politicos e historico contra a usurpação e a favor do governo portuguez.

Política Brasileira.

— As noticias sobre os casos três últimos notalissimos são vagas e incertas.

Feliciano Joaquim de Sousa Nunes é um, não bem singular de falta de arte na literatura.

Pela natural tendência a venerar os padroeiros e pela abundante arca do trabalho em eloquentes palavras esotéricas, ninguém parecia mais indicado do que ele para ir longe. Entretanto, talvez pelo próprio excesso do gírio bajulatório, o nosso pobre escritor se viu duramente castigado.

Alberto de Oliveira, que prefaciou a edição académica dos Discursos politicos e morais, dá-nos conta do temperamento corrompido e também das infelices de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes.

Quando temos noticia da indignação de Pombal diante dos Discursos, a sua acuriação por ele feita a Feliciano Nunes de ter posto em seu livro doutrinas anárquicas, firmamos inteiramente ascombrados. Deve de haver ali, por certo, algum misterio da semana.

Porque é difficil imaginar homem mais respeitador das coisas estabelecidas, mais austero em suas doutrinas morais e espirituais do que esse Rio exalta a modestia na posse da fortuna, mostrando, num aforismo que anuncia Maricá, que "a riqueza excessiva é pobreza conservada"; preta o desprezo pelos bens materiais, afirmando que só as grandes ações criam os grandes homens; apreza as sublimas excelências do estado conjugal, procurando ensinar aos homens o segredo do encontrar boas esposas; orienta os pais na questão da educação dos filhos; aconselha que se dê instrução, e saber as mulheres, pois elas "não são deitadas na organização do cérebro, como entendem alguns"; sustenta a tese de que, numa família o melhor irmão não é o mais velho, porém sim o que for mais capaz, e, enfim, estuda a amizade, fazendo piedosa exaltação desse sentimento.

Tudo isso — está visto — enfeitado de belas e sólidas citações classicas, onde vemos, a todos os momentos, os nomes dos Santos e os dos Profetas, o de Aristoteles e o de Platão, o de Sócrates e o de Cicero, o de Licurgo e o de Virgilio, sem contar a boa praxia de casa — os Camões, os Vieira, os Rodrigues Figueira, etc.

É difficil, de facto, encontrar, neste escritor, lendo-o hoje, qualquer ideia que possa parecer anárquica. Leimolho este pequeno trecho, que lhe dá a medida das suas conservadoras ideias:

— "Haja embora quem se agrade de ver uma senhora toda franca, como dizem alguns a qual trajando sem modestia faz garbo de bolar não só os membros, mas até os pés de fora, para que se veja que se sabe trajar a francesa em Portugal. Mas não há de ser isso o de que se agrade o homem discursivo na mulher, que pretende por esposa: porque advertido, de que bastou o soldado de Judith, para reubar as ataduras de Holofernes, mais se deve agradir de uma, que tenha por exemplar a nossa Infanta Dona Sanha, que por não violar os timbres da modestia, jamais permitiu que suas damas lhe vissem a ponta do pé descoberto; ou a nossa Dona Isabel, mulher do rei Dom Fernando de Castela, a qual nem para que a ungessem permitia que lhe descobrissem os pés; porque é tão melindrosa a honra que alto dos olhos se ofende, até com a vista periga".

Elle é um acabado modelo das pobres ideias desse jornalista. Pode-se lá imaginar coisa mais inocente, menos perigosa para a segurança pública?

Antes de encerrar este artigo queremos chamar a atenção do leitor para a expressão toda franca, que ocorre no trecho citado de Feliciano Nunes. Parece-nos um modelo do mais subtil e malicioso amor. Hoje, que a influência francesa é cada vez maior no Brasil, achamos que devemos resuscitar, fazendo-o ao uso corrente, essa bela maneira de falar.

Somos todos francos, e isso, que irrita os puristas, é uma prova incontestável de que nos vamos pouco a pouco civilizando.

Vontez sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes:

— Artur Mota — História da Literatura Brasileira — Época da Transição — p. 167.

— Alberto de Oliveira — Estudo em Discursos Politicos-morais (edição da Academia Brasileira, 1931).

— Inocência da Silva — Dicionário Bibliográfico Português, Vols. 3 e 4.

— João Ribeiro — Discursos politicos-morais — Jornal do Brasil.

— Mucio Leão — Feliciano Nunes e o Marques de Pombal — Jornal do Brasil, 29 de abril de 1939.

Quando temos noticia da indignação de Pombal diante dos Discursos, a sua acuriação por ele feita a Feliciano Nunes de ter posto em seu livro doutrinas anárquicas, firmamos inteiramente ascombrados. Deve de haver ali, por certo, algum misterio da semana.

Porque é difficil imaginar homem mais respeitador das coisas estabelecidas, mais austero em suas doutrinas morais e espirituais do que esse Rio exalta a modestia na posse da fortuna, mostrando, num aforismo que anuncia Maricá, que "a riqueza excessiva é pobreza conservada"; preta o desprezo pelos bens materiais, afirmando que só as grandes ações criam os grandes homens; apreza as sublimas excelências do estado conjugal, procurando ensinar aos homens o segredo do encontrar boas esposas; orienta os pais na questão da educação dos filhos; aconselha que se dê instrução, e saber as mulheres, pois elas "não são deitadas na organização do cérebro, como entendem alguns"; sustenta a tese de que, numa família o melhor irmão não é o mais velho, porém sim o que for mais capaz, e, enfim, estuda a amizade, fazendo piedosa exaltação desse sentimento.

Tudo isso — está visto — enfeitado de belas e sólidas citações classicas, onde vemos, a todos os momentos, os nomes dos Santos e os dos Profetas, o de Aristoteles e o de Platão, o de Sócrates e o de Cicero, o de Licurgo e o de Virgilio, sem contar a boa praxia de casa — os Camões, os Vieira, os Rodrigues Figueira, etc.

É difficil, de facto, encontrar, neste escritor, lendo-o hoje, qualquer ideia que possa parecer anárquica. Leimolho este pequeno trecho, que lhe dá a medida das suas conservadoras ideias:

— "Haja embora quem se agrade de ver uma senhora toda franca, como dizem alguns a qual trajando sem modestia faz garbo de bolar não só os membros, mas até os pés de fora, para que se veja que se sabe trajar a francesa em Portugal. Mas não há de ser isso o de que se agrade o homem discursivo na mulher, que pretende por esposa: porque advertido, de que bastou o soldado de Judith, para reubar as ataduras de Holofernes, mais se deve agradir de uma, que tenha por exemplar a nossa Infanta Dona Sanha, que por não violar os timbres da modestia, jamais permitiu que suas damas lhe vissem a ponta do pé descoberto; ou a nossa Dona Isabel, mulher do rei Dom Fernando de Castela, a qual nem para que a ungessem permitia que lhe descobrissem os pés; porque é tão melindrosa a honra que alto dos olhos se ofende, até com a vista periga".

Elle é um acabado modelo das pobres ideias desse jornalista. Pode-se lá imaginar coisa mais inocente, menos perigosa para a segurança pública?

Antes de encerrar este artigo queremos chamar a atenção do leitor para a expressão toda franca, que ocorre no trecho citado de Feliciano Nunes. Parece-nos um modelo do mais subtil e malicioso amor. Hoje, que a influência francesa é cada vez maior no Brasil, achamos que devemos resuscitar, fazendo-o ao uso corrente, essa bela maneira de falar.

Somos todos francos, e isso, que irrita os puristas, é uma prova incontestável de que nos vamos pouco a pouco civilizando.

Vontez sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes:

— Artur Mota — História da Literatura Brasileira — Época da Transição — p. 167.

— Alberto de Oliveira — Estudo em Discursos Politicos-morais (edição da Academia Brasileira, 1931).

— Inocência da Silva — Dicionário Bibliográfico Português, Vols. 3 e 4.

— João Ribeiro — Discursos politicos-morais — Jornal do Brasil.

— Mucio Leão — Feliciano Nunes e o Marques de Pombal — Jornal do Brasil, 29 de abril de 1939.

Quando temos noticia da indignação de Pombal diante dos Discursos, a sua acuriação por ele feita a Feliciano Nunes de ter posto em seu livro doutrinas anárquicas, firmamos inteiramente ascombrados. Deve de haver ali, por certo, algum misterio da semana.

Porque é difficil imaginar homem mais respeitador das coisas estabelecidas, mais austero em suas doutrinas morais e espirituais do que esse Rio exalta a modestia na posse da fortuna, mostrando, num aforismo que anuncia Maricá, que "a riqueza excessiva é pobreza conservada"; preta o desprezo pelos bens materiais, afirmando que só as grandes ações criam os grandes homens; apreza as sublimas excelências do estado conjugal, procurando ensinar aos homens o segredo do encontrar boas esposas; orienta os pais na questão da educação dos filhos; aconselha que se dê instrução, e saber as mulheres, pois elas "não são deitadas na organização do cérebro, como entendem alguns"; sustenta a tese de que, numa família o melhor irmão não é o mais velho, porém sim o que for mais capaz, e, enfim, estuda a amizade, fazendo piedosa exaltação desse sentimento.

Tudo isso — está visto — enfeitado de belas e sólidas citações classicas, onde vemos, a todos os momentos, os nomes dos Santos e os dos Profetas, o de Aristoteles e o de Platão, o de Sócrates e o de Cicero, o de Licurgo e o de Virgilio, sem contar a boa praxia de casa — os Camões, os Vieira, os Rodrigues Figueira, etc.

É difficil, de facto, encontrar, neste escritor, lendo-o hoje, qualquer ideia que possa parecer anárquica. Leimolho este pequeno trecho, que lhe dá a medida das suas conservadoras ideias:

— "Haja embora quem se agrade de ver uma senhora toda franca, como dizem alguns a qual trajando sem modestia faz garbo de bolar não só os membros, mas até os pés de fora, para que se veja que se sabe trajar a francesa em Portugal. Mas não há de ser isso o de que se agrade o homem discursivo na mulher, que pretende por esposa: porque advertido, de que bastou o soldado de Judith, para reubar as ataduras de Holofernes, mais se deve agradir de uma, que tenha por exemplar a nossa Infanta Dona Sanha, que por não violar os timbres da modestia, jamais permitiu que suas damas lhe vissem a ponta do pé descoberto; ou a nossa Dona Isabel, mulher do rei Dom Fernando de Castela, a qual nem para que a ungessem permitia que lhe descobrissem os pés; porque é tão melindrosa a honra que alto dos olhos se ofende, até com a vista periga".

Elle é um acabado modelo das pobres ideias desse jornalista. Pode-se lá imaginar coisa mais inocente, menos perigosa para a segurança pública?

Antes de encerrar este artigo queremos chamar a atenção do leitor para a expressão toda franca, que ocorre no trecho citado de Feliciano Nunes. Parece-nos um modelo do mais subtil e malicioso amor. Hoje, que a influência francesa é cada vez maior no Brasil, achamos que devemos resuscitar, fazendo-o ao uso corrente, essa bela maneira de falar.

Somos todos francos, e isso, que irrita os puristas, é uma prova incontestável de que nos vamos pouco a pouco civilizando.

Vontez sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes:

— Artur Mota — História da Literatura Brasileira — Época da Transição — p. 167.

— Alberto de Oliveira — Estudo em Discursos Politicos-morais (edição da Academia Brasileira, 1931).

— Inocência da Silva — Dicionário Bibliográfico Português, Vols. 3 e 4.

— João Ribeiro — Discursos politicos-morais — Jornal do Brasil.

— Mucio Leão — Feliciano Nunes e o Marques de Pombal — Jornal do Brasil, 29 de abril de 1939.

DISCURSOS POLITICO-MORAES, COMPROVADOS COM VASTA ERUDIÇÃO das Divinas, e humanas Letras, a fim de deslutar do mundo os vícios mais inveterados, intro- duzidos, e diffimulados.

PRIMEIRO TOMO
DEDICADO
AO ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SENHOR
SEBASTIÃO JOSE'
DE CARVALHO E MELLO,
De Conselho de S. Magestade, e Secretario de Estado
dos negocios do Reino. &c. &c. &c.

POR SEU AUTHOR
**FELICIANO JOAQUIM
DE SOUSA NUNES,**
Natural da Cidade do Rio de Janeiro.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA
Impressor do Santo Officio. Anno 1758.
Com as licenças necessárias.

Fac-simile do frontespicio da edição princeps.

SUMÁRIO

Página 21:	Página 87:
— Noticia sobre Feliciano Joaquim de Sousa Nunes.	— Vênus: Divina Vênus! — Um conto desconhecido de Machado de Assis.
— Canção dos Soldados (Goethe-Faust, V. 1.º). Tradução de Onestaldo de Pennafort.	Página 88:
Páginas 82 e 83:	— Poema, de Sérgio Veloso
— Algumas páginas de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes:	Página 89 e 90:
— Dedicatória a Pombal.	Poesias de Augusto Frederico Collin:
— Ao leitor.	— Ela.
— Discursos III (dos Discursos Politicos-morais).	— A origem que eu amo.
— Os Discursos politicos-morais, de João Ribeiro.	— Um riso.
Página 84:	— A amizade.
— Feliciano Nunes, de Alberto de Oliveira.	— Triste do patel!
— O Amor descoberto (Canção popular) — Duas traduções de Martins Junior.	— Os Tumultos.
— Memórias, de Mucio Leão	— A Saudade.
Páginas 35 e 86:	— A Melancolia.
— Frei Manuel de Santa Maria Itaparica.	— A Mulher.
— Poemas de Frei Manuel de Santa Maria Itaparica:	— Diogo Graças Timoco.
— Descrição da ilha de Itaparica.	Página 91:
— Descrição do Inferno.	— Sonetos de última hora, de Caselano Ricardo:
— Descrição de Jerusalem.	— Desce.
— A morte de D. João V (Canção fúnebre).	— Incognita.
— Sonetos pela morte de D. João V. I — os filhos e Sobrinhos. II — A morte. III — O mauoleu.	— Choro.
— Soneto.	— Geografia do sono.
	— O gulo das cinco horas.
	— A desentredação.
	— O contentamento sorri.
	— Os Ipiros.
	— O sono das três cores.
	— Cristal.
	— Moderna Lua.
	— Pisco-autógrafo.
	— Jura, a mulher verda.
	— O incêndio do Dr. Pires do Rio

CANÇÃO DOS SOLDADOS

(Goethe — Faust, V.º 1.º).

Cidades cercadas
De torres e praças!
Mentiras armadas
De encantos e graças!
Tomemos de assalto
O campo inimigo!

Se é grande o perigo,
O prêmio é mais alto!
As trompas trovejaram.

A voz de comando!
Os bravos pelejam!
Ou ballam cantando!

Como as cidadelas,
Resistem as belas...
E' tentado o assalto!
Se é forte o inimigo,
Se é grande o perigo,
O prêmio é mais alto!

(Tradução de Onestaldo de Pennafort — 1930).

(Conclui na pág. 91).

M E R I M É E

O AMOR DESCOBERTO

Mucio Leão

Lembra-te de desconfiar... é a divisa de Prosper Mérimée. Jamais, parece, terá havido um homem tão atormentado pela necessidade de não errar quanto aquele. Era bem criança, quando, um dia, fez uma travessura qualquer. Rajaram com ele (havia de ser sua mãe), apanharam-no de castigos e de pancadas. A pobre criança saiu em lágrimas, da sala em que fora repreendida. Tinha

dado alguns passos na outra peça, quando percebeu que rião de seus sofrimentos. — Potre menino! Acreditou mesmo que estamos muito zangados com ele! Foi uma decepção cruel! A tragédia para aquela pobre almasinha infantil! E Mérimée jurou, desde aquele momento, não acreditar mais em nada. Tinha cumprido o difícil juramento? Como sabe-lo? Sabemos ape-

nas que ele veio mais tarde a adotar para sua divisa aquela preceito grego — Lembra-te de duvidar.

Que se me perdoe uma pequena e insignificante erudição, a de lhes dizer que essa frase foi tomada a Espartaco, o mais antigo dos poetas cômicos. Segundo Políbio, de resto, a frase não é exatamente como a copiou e adotou Mérimée; porém assim: "Se sóbrio e recorda-te de desconfiar" ao sr. articulista do "bem-senso". Se Mérimée desconfiou sempre, eu não sei. Sei que ele aprendeu a iludir magistralmente os outros e que confundiu e atrapalhou meio mundo. E' difícil, com efeito, encontrar um escritor que se tenha dedicado tanto quanto ele em mistificar os outros. Mistificação e grande parte do que ele nos legou; e em primeiro lugar sua deliciosa coleção de poesias líricas, *La Guirle*. Mistificação também certa atitude grave e circumspecta que assumia na vida diante de coisas em que de forma nenhuma cria, de coisas que no fundo mereciam sua desdém e até seu odio.

Foi, por exemplo, um acadêmico perfeito — e tudo indica que nunca acreditou na Academia. Foi a sua campanha eleitoral como o mais disciplinado, o mais discreto dos candidatos, e todos os eleitores ficaram encantados com a sua linha impecável. No fundo estava infinitamente divertido com aquela "via sacra de candidato". E eis como a ele se refere: "Vistes acaso os cães, quando entram no terreno de um texugo? Se têm alguma experiência, assumem quando ali entram, um ar terrível, e muitas vezes até uma depressão do que exprimam, porque o texugo é um animal bem informado de se visitar. E penso sempre no texugo, quando teço o cordão da casa de um acadêmico e me vejo, in the midst of it, inteiramente semelhante ao cão de que vos falava há pouco. Nunca fui merdoso; mas tenho tido muita experiência!"

Foi com essa mesma seriedade — no fundo desrecheada, mas tão no fundo que nem mesmo o mais sutil poeta seria capaz de perceber esse desdém — que ele viveu o seu amargo de sua vida.

Nesse traço como em muitos outros, se aproxima do nosso Machado de Assis, de quem parece ter sido amigo. Em ambos, com efeito, encontramos os mesmos traços essenciais: almas infinitamente elevadas e nobres, perdidas num mar de timidez e refugindo-se na ironia; o mesmo amor de uma arte de linhas puras-

Primeira tradução

Quando enlaçamo-nos um ao outro
Fazta noite
Quem a dizer que viu-nos presos
Ha que se afolte?

Mas é que a noite, que vê no escuro
Nossa alma nua
Junta-se a aurora mais a retina
Brancas da lua

E certa estrela que amava o oceano
Viu-nos também.
Ora uma amante não faz matérios
Para o seu bem.

Baixando ao mar narrou-lhe todo
Nosso segredo
E o mar no choque de um duro rumor,
Faleu, por medo.

O remo então cotrou a história
A um navegante
Que pô-la em versos e foi cantá-la
Pra sua amante.

Segunda tradução

Quando, criança, nós nos abraçamos
Era de noite... Quem nos pôde ver?
Viu-nos contido a noite que buscamos
A aurora, a lua e a catrola rolar

Baixando ao mar disse-lhe a estela tudo
O mar contou a um remo, este a um remeiro
Nossa ventura... E eis que o remeiro rugiu
Da salva à porta entou-a presenteiro.

A propósito dessa canção grega, veja a tradução de Alberto Paria. *Artes, pag. 139; Autores e Livros, vol. 7.º, pag. 261.*

FELICIANO NUNES

Alberto de Oliveira

Feliciano Joaquim de Souza Nunes era filho desta capital, onde, com raro zelo, serviu o cargo de almoxarife dos armazéns da cidade. Dão-no como nascido em 1734, a falsidade talvez em 1808. Reconhecido que era a Gomes Freire de Andrade, o qual o tinha na melhor conta por seu saber e virtudes, coube-lhe a incumbência de ir para o Rio de Janeiro, e manifestaram em prosa e verso o júbilo geral aquele governador, por ocasião de ser este promovido ao posto de mestre do campo general e a primeira conselheiro da medição e demarcação dos limites municipais de Brazil.

Nasceu daí a "Academia dos Solares" cujo fim único era essa homenagem. Também ali se originou a ideia de estabelecer-se na cidade uma tipografia, e essa foi a primeira que aqui existiu, de propriedade do Antônio Istôro da Fonseca. A Academia reuniu-se em 1782. O livro "Júbilos da América", publicado dois anos depois, encerra em suas páginas o coro de aplausos ao preito rendido por esta ocasião a Gomes Freire. E' uma polêmica descompensada e inútil, sem quasi nada digno do nome de livro ou de livro exuperado. No prelo, o secretário Sequerra de Sá exalta o nome de Feliciano Nunes: o qual, se ali, já havia feito pública e notória a sua boa capacidade, conciliando as atenções dos eruditos de bom gosto e captado a benevolência de sua excelência (o governador) com a "Relação panegírica", que discretamente compôs, e acertadamente dedicou a sua excelência. Alude também ao "Discurso crítico, político e histórico" do mesmo Feliciano, escrito "em forma e frase digna de Cícero". Pouco mais de vinte anos tinha o escritor fluminense, e sobre, ser autor das obras mencionadas, já o era também de uma de mais fôlego, os "Discursos politico-moraes, comprovados com vasta erudição das divinas e humanas letras...". Esta obra, a conselho de amigos e admiradores de seu talento e saber, fez com que seu autor empreendesse viagem a Lisboa, a fim de a mandar imprimir, distribuída por vários volumes. Concluido o tomo 1.º, dedicado a Sebastião José de Carvalho e Melo (Lisboa, na Oficina de Miguel Manoel de Costa, impressor do Santo Officio, Anno 1788), deu-se pressa o nosso patriota em apresentar-se ao grande ministro de D. José I, levando-lhe um dos exemplares impressos. Foi mal recebido. O ministro carregou-lhe a sobreloja e repreendeu-o por lhe haver dedicado o trabalho sem previa licença, e por contar o livro "doutrinas anarquicas". E ali mesmo lhe ordenou a imediata volta para o Brazil, declarando-lhe que seriam para logo queimados todos os exemplares dos "Discursos". Desse exemplares, ao que consta, salvaram-se três, os quais fado patriótico quis viessem parar na cidade-berço de seu autor, achando-se hoje na Biblioteca Nacional, e um em meu poder. Num daqueles pertencentes à Biblioteca e que faz parte da Coleção D. Teresa Cristina Maria, lê-se na folha de guarda:

"O Dr. Emílio Joaquim da Silva Mais que obteve em 1845 esta raríssima obra (Discursos politico-moraes) por cédula de Francisco das Chagas Ribeiro, e que a considera de extraordinário valor, não lhe constando a existência de nenhum outro exemplar,

A cedece hoje
com todo o respeito e acatamento
Ao Muito Alto
Poderoso Senhor
D. PEDRO 2.º
Por fortuna da Nação e gloria da patria
O Brasileiro de mais profundo saber:
18 junho 1857"

O exemplar que possuo, pertenceu ao grande bibliógrafo português Euzébio de Silva, e era ultimamente de Aníbal Fernandes Tóma, também português e bibliógrafo. Certo, desperceberam no auto de fe os demais manuscritos da obra. E assim veio a ficar trunfo trabalho de tantos anos de estudo e de que talvez se pudessem ufanar nossas letras.

Excertos dos "Discursos" publicados, pela "Minerva Brasileira" e "Revista Brasileira" de Paula Menezes e bem assim a nova edição deles, dada, segundo E. Blake, e inteiramente esgotada, depõem em favor da obra.

A memória de Feliciano Nunes gerje da sombra secular a que fôra lançada e vem até ai. Depois, e até nossos dias, val reverendo à mesma ingloria escureza. Haverá nisso ingratidão para com o valor literário do benrido almoxarife amigo de Gomes Freire?

Poucos serão os escritores injustamente esquecidos. O merecimento, onde a haja, raramente deixará de impôr-se a triunfar. Livros que se lêem e se esquecem, em regra, não mais ou resvalam a mediocres, e deslembra-los é como desprezando-os do tempo e paciência consumidos em sua leitura. De nada valém reclamações, apêndices, edições novas, que são como novos jêveres desses delírios. Não há "surge et ambula" com força bastante a calar nos ouvidos de tais Lavras. Calaram, porque não podiam manter-se de pé. Se os levantarem a ressurreição será momentânea; tornarão a cair. Entre as figuras de "Candeloneiro negro" vem incluso um poeta da Pequela, Carvalho Saavedra ou Dona Bôta. Haviam-no esquecido, apesar de autor de um "Poema Socialista", de mais de 400 páginas e de uma "Lira do Douro" de mais de 500 Camilo empreendeu revolvê-lo a vida, em algumas laudas de travo e ironia. "Faz mister, diz ele, estranhar-lo a forçosa das entranhas do esquecimento". Melhor terrível fureza ao poeta morto, deixá-lo em paz naquelas entranhas. Os versos, que lhe transcreve, justificam o obvido em que o deixaram. Os "Ratos de iniquidade" de Serrão de Castro e as "Poesias e prosas" de Soropita são dois livrinhos preciosos, não pelo que encerram dos autores, mas pelos juízos críticos e anotações do mesmo Camilo. Nessas páginas, quem vive e o grande romancista, e não os dois poetas por ele exumados.

A simpatia com que temos alguns livros, nasce, às vezes, não só e propriamente do assunto que versam, e como o versam, mas também dos lances da vida de quem os escreve. Entre esses lances, os do infortúnio são dos que mais a inspiram. Talva por isso o livro de Feliciano me interessou desde logo e tornou maior o prazer de sua leitura. Não cabe examinar aqui ser justo o esquecimento do nome de seu autor: parece, porém, que o fluminense que escreveu os "Discursos", bem como seu contemporâneo Matias Aires, têm ambos direito de figurar na história de nossa literatura, não em simples referência, mas em capítulo que lhe falta, sobre moralistas e filósofos da primeira metade do século dezoito.

(Prologo à edição dos *Discursos politico-moraes*, edição da Academia Brasileira de Letras, 1931).

mas, bebendo a sua inspiração nos modelos antigos; o mesmo recato de vida, o mesmo pudor, a mesma elegância...

Tatue via em Mérimée um ser duplo: aquele que vivia em contato com outros homens, a ser social e correto, e outro, mais afetivo, e o que ficava permanentemente fiscalizando os atos e os gestos daquele outro... Não poderíamos encontrar igual duplicidade em Machado de Assis?

Ainda um traço comum entre o escritor francês e o brasileiro, se quisermos prolongar essa comparação, seria a capacidade de sair de si mesmos, de parecerem frios e indiferentes, viverem para os outros, viverem pelos outros. De Mérimée muita gente se despediu triste e desolado porque lhe foi fazer algum pedido e sentiu a frieza da resposta... Semanas depois, entretanto, às vezes mesmo meses depois, recebiam a visita do escritor que ia comunicar a satisfação

de um pedido que no momento ele julgara não sequer ler o pedido... De Machado de Assis, podemos reter um traço semelhante: aquele carinhoso com que ele acompanhava a protuberância dos amigos, o carinho com que fez chegar Mário de Alencar para a Academia...

Essencialmente contraditório, Mérimée tinha aspectos íntimos que se chocavam singularmente com as suas aparências de frieza e de indiferença. Sabemos que durante longos anos manteve correspondência com uma desconhecida. E sabe-se também que nessa correspondência ele tinha uma rara a emoção e a ternura de um poeta apaixonado. Tudo lhe servia de pretexto para algumas linhas suaves, e amorosas dirigidas à querida correspondente. Sorcha? Vê em seu sonho um passaro branco e formoso? Logo medita que bem pode ser a mulher adorada que morreu, e que assim (Conclui na pag. 30)

AÇUCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de Melhoramentos
em Pernambuco

ESCRITORIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO Nº 64 — RIO FORMOSO

PERNAMBUCO

Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

Notícia sobre Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

Manoel de Santa Maria Itaparica nasceu em Itaparica, Bahia, em 1794, pertencendo aos 16 anos ao convento de São Francisco da Ordem Seráfica de São Francisco de Patagônia, por evidente erro de cópia da informação de Blake.

Em todos os seus estudos nessa ordem, tornando-se um notável predicador da palavra evangélica.

Decebe — calcula Blake — depois de 1868.

Escreveu:

— *Estaquidos* — poema trágico-heróico, em que se contém a vida do santo Estaquido, mártir, chamado en-

tes Plácido, e de sua mulher e filhos, por um criminoso, natural de Itaparica, termo da cidade da Bahia; dado a luz por um despojo de mesmo santo (sem lugar e ano de publicação). — Lisboa, 1769 — 132 pag. in. 4.º. Foi atribuído a Francisco de Souza, pelo Vde. do Porto Seguro e J. M. da Costa e Silva. Mas, com a publicação do "Novo orbe seráfico" (2.ª parte) ficou esclarecida sua autoria. Conta do 6 cantos em octava rima. Alguns trechos foram re-

Notícia sobre Frei Manoel de Santa Maria Itaparica, termo da cidade da Bahia, em 1794, pertencendo aos 16 anos ao convento de São Francisco da Ordem Seráfica de São Francisco de Patagônia, por evidente erro de cópia da informação de Blake.

— *Discrição da ilha de Itaparica*: canto heróico, extrado do poema sacro "Estaquidos". — Bahia, 1841. In

8.º. Foi editor o Cel. Inácio Acioli de Cerqueira e Silva. — *Discrição da ilha de Itaparica*, vol. 1, pag. 127 a 173 e do "Farnaso Brasileiro", vol. 1, pag. 85 (incompleto).

— *Epigrama latino* a morte de D. João V. Acha-se na "Relação panegírica das erequias, etc".

— *Cântico fúnebre* a morte de D. João V. Idem e no "Músico poético" de Raulo Adet. e J. Norberto, pag. 26.

— *Sobre as nozes tristes dos sinos*. Ao fúnebre estrondoso da antilharia. A sentida morte de D. João V. Idem, três sonetos.

— *Manifesto das grandes festas* que se fizeram na capital da Parahiba, nos casamentos dos príncipes de Portugal e de Castela — tanto heróico e panegírico em octavas. Acha-se prefato a entrar no prelo em 1788.

ALGUMAS PONTES SOBRE FREI ITAPARICA

Alfredo Gomes — *Hist. Lit. Itap. Itaparica*, vol. 1.º, pag. 1.320.

Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 2, pag. 145.

Belaux de São Lisboa — *Apontamentos biográficos de vários poetas ilustres*.

Bento Murilo — *Antologia Bahiana*. A Renascença, 21-2-1905.

Chichorro da Gama — *Miniaturas Biográficas*, pag. 41. — Breve div. de autores clássicos, pag. 47, e Rev. da língua Portuguesa, n.º 14-77.

F. Noll — *Literature Brasileira*, 20. Haroldo Paranhos — *História do Romantismo no Brasil*, 1.º vol. Henrique Perdigão — *Dicionário Universal da Literatura*, 162.

Inocêncio da Silva — *Dicionário*, vol. 6.º.

José Veríssimo — *História da Literatura Brasileira*, 164.

Julio Barbuda — *Literatura Brasileira*, 211.

Pedro Calmon — *História da Literatura Brasileira*.

Ronald de Carvalho — *Pequena História da Literatura Brasileira*, 137.

Sacramento Blake — *Dicionário*, volume VI.

Silvio Romero — *História da Literatura Brasileira*, t. 1.º, 192.

Silvio Romero e João Ribeiro — *Manual de História da Literatura Brasileira*, p. 45.

Vernhagen — *Floretegia*, 1.º vol. Vernhagen — *Revista do Instituto Histórico*, t. XI.

Poesias de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

(Trecho do poema *Estaquidos*)
Descrição da Ilha de Itaparica
Cantar procuro, descrever intento
Em um heróico verso e sonoro
Aquele, que me deu o nascimento,
Patria feliz que tive por ditoso.
Ao menos com este humilde rendimento
Quero mostrar-lhe seu afluente
Pezes e de anímo vil e tempestivo
O que a Patria não é agradecido.

Se nasceste no Ponto ou Libia ardente,
Se no Pindaro viste a aura primeira,
Se nas Alpes ou Rima tombante
Príncipe heróico na vital carreira,
Nunca quizes, letor, ser delinqüente.
Que assim mostra heróica venturosa
Almas heróicas, peito generoso.

Mais que no florido de meus ance
Tua furor tantas vezes me inspira
Lá na idade em que vem os decorados
Também sempre fiel me acompanhaste!
Tua por sempre repares acrobacias
Deu-me o mundo, Heitor, que já pensas,
Aqui me concedo o que te peço,
Para aqui venha a que começo.

Em a Ilha, provincia desejada
Pelo mar, reluzente, que me si cria,
Que antigamente descoberta e achada
Foi do Cabral, que os mares descobria,
Pois donde está hoje situada
A gloriosa e illustre Bahia,
A qual no nome tem também ser rica,
Da ilha chamada Itaparica.

Esta posita bem defronte da cidade,
Os res iguais defronte os moradores
Daqui a esta vem com brevidade,
Se não caíam do Zefiro os favores;
E ainda quando com ferocidade
Não está mostrando os seus rigores;
Para a corte navegam, em que cessam
E parece, que os ventos lhe obedecem.

Por uma e outra parte rodeada
De Neptuno se vê tão arrogante,
Que algumas vezes com procelha trada
Luz o melancólico semblante;
E quando a tem por sua, e tão amada,
Por o papel fiel foros de amante,
Muitas vezes também serenamente
Tem encestado nela o seu ardente.

Se a diusa Citeria conheceda
Desta ilha celebrada a formosa,
Enrico, que a Netuno prometera
O que a outros negou cruel e dura;
Então de boamente lhe oferecera
Entre incêndios de fogo a neve pura,
E se de alguma sorte a alcançara
Por esta a sua Chypre desprezara.

Pela costa do mar a branca areia
E para a vista objeto delicioso,
Onde passeia a ninfa Galateia
Com acompanhamento numeroso;
E quando mais galante se recrea
Com aspecto gentil, donaire airoso,
Começa a semear das roupas belas
Cochilhas brancas, ruínas e amareladas.

Aqui se cria o peixe copioso,
E os vastos pescadores em savários
Não rezeando o elemento undoso,
Fazem exercício dias inteiros;
E quando Aquilo e Bóreas proceloso
Com furia os acomete, eles ligeiros
Colhendo as velas brancas ou vermelhas
Se acomodam e os remos em parelhas.

Neste porém marítimo regalo
Um as redes estendem diligentes,
Outros com força indústria e intervalo
Estão hufendo as ondas transparentes;
Outros noutro baxel sem muito abalo
Levantam copiosos e contentes
Uma rede, que chamam zangara
Para os saltantes peixes forte tea.

Qual a aranha sagaz e cautelosa
Nos ares forma com sutil fio
Um labirinto tal, que a cautelosa
Mosca nele ficou sem alvedrio,

E assim com esta manha industriosa
Da misera vem ter o senhorio,
Tais são com esta rede os pescadores
Para prender os mudos nadadores.

Outros também por modo diferente,
Tendo as redes lançadas em um seio,
Nas ondas estão postas firmemente,
Sem que tenham do peixe recelo:
Cada qual puxa as cordas diligente,
E os peixes vão fugindo para o meio,
Té que as impulsos do robusto braço,
Vem a colher os miseros no lago.

Nos baixos do mar outros tarrafiando,
Alerta a vista, e os passos vagarosos,
Vão uns pequenos peixes apanhando,
Que para o gosto são deliciosos;
Ela também de quando em quando
Pegam no anel, alguns, que por guizos
Ficam pendendo aqui as próprias vidras,
Sem e exemplo querent ter de Midas.

Aqui se acha o marisco sabroso,
Em grande copia, e de esta várta,
Que para a salada são apetitosos,
Não se duvida e coisa necessária;
Também se cria o lagostim gostoso,
Junto a esta, que por ordinária
Não é muito estimada, porém antes
Em tudo crede aos povos radiante.

Os camarões não fiquem esquecidos,
Que tendo crus a cor pouco vistosa,
Logo vestem, depois que são cozidos,
A cor do nácar, ou da tília rosa;
Os crustáceos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte industriosa,
Bastam também se vêm de ruço ajuí
Semelhais, mexilhões e caramujos.

Também pertence aqui dizer cusado
Daquilo peixe, que entra a fruce escura
O Profeta trouxa Jonas sagrado,
Fazendo-lhe no ventre a sepultura;
Porém sendo do Altíssimo mandado,
O toron a lançar só sem lusura
(Conforme sua afirma a antiguidade)
Em as praças de Ninive cidade.

Monstro do mar, gigante do profundo,
Uma fôrça nas ondas socobrada,
Que parece em todo o âmbito rotundo:
Jamais besta tão grande foi creada;
Os riuers despetaga furibundo
Co' a burbulhana às vezes levantada;
Cujos membros teterinos e broncos
Fazem a Titis dar gemidos rancos.

Baleia vulgarmente lhe chamamos,
Que como só a esta ilha se sujeita,
Por isso de direito a não deixamos,
Por ser em tudo a decrição perfeita;
E para que bem claro percebanos
O como a pensaria dela é feita,
Quero dar com estudo não ocioso
Esta breve notícia ao curioso.

Tanto que chega o tempo decretado,
Que este peixe do vento Austro é movido
Estando a vista de terra já chegado,
Cujos sinais Netuno dá ferido,
Em um pólo desta ilha assinalado,
E de todo o preciso prevenido,
Estão umas lanchas leves e vezeiras,
Que se fazem c'os remos mais ligeiras.

Os Nautas são etíopes robustos,
E outros mais do sangue misturado,
Alguns mestiços em a cor adustos,
Cada qual pelo esforço assinalado:
Outro ali vai também, que sem ter susto
Leva o arpão da corda pendurado,
Também, um, que no ofício a Glaucos ofusca,
E para isto Brasil se busca.

Assim partem intrépidos buscando
Os Palácios da Linda Panopéia,
Com cuidado solto, viajando
Onde ressurge a sólida baleia.
Oh gente, que furor tão excecando
A um perigo tal te sentença?
Como pequeno bicho és atrevido
Contra o monstro do mar mais desmedido?

Como não temes ser despedaçado
De um animal tão feio e tão inuado?
Porque queres ir ser precipitado
Nas intimas entranhas do profundo?
Não temes, se é que vives em pecado,
Que o Criador do céu e d'este mundo,
Que tem dos mares todo o governo,
Deste lago te mande ao lago Averno?

Lá intentarás fortes os Gigantes
Subir soberbos ao Olimpo puro,
Acometerás outros de ignorantes
O reino de Plutão horrendo e escuro;
E se és áleto e arrogante
O castigo não viverás grave e duro,
Como não temes tu ser castigado
Pelos monstros também do mar saigado?

Mas em quanto com isto me detenho,
O temerário risco não me deixando,
Eles de cima do ligeiro lenho
Vão a baleia horrível avistando;
Pegam nos remos com forçoso empenho,
E todos juntos com furor remando
A seguir por detrás com tal cautela
Que imperceptíveis chegam junto dela.

O arpão farpado tem nas mãos suspenso
Um, que na praia o vai arrependendo,
Todos os mais deixando o remo expenso
Se vão na lancha súbito deixando;
E depois que ferido o peixe incenso
O velho curso vai continuando,
Surge cada um com fúria e força tanta,
Que como um Anco forte se levanta.

Corre o monstro com tal ferocidade
Que vai partindo o úmido elemento,
E lá do pégo na concavidade
A seguir por detrás com tal cautela
Que imperceptíveis chegam junto dela.
Leva a lancha com tal velocidade,
E com tão apressado movimento,
Que cá de longe apenas aparece,
Sem que em alguma parte se escondesse.

Qual o ligeiro pássaro amarrado
Com um fio sutil, em cuja ponta
Vai um papel pequeno pendurado,
Voa veloz sentido aquela afronta,
E apenas o papel, que vai atado
Se vê pela presteza, com que monta,
Tal o peixe afrontado vai correndo
Em seus membros stada a lancha tendo.

Depois que com o curso dilatado
Alguns tanto já vai desfalecendo,
Eles então com força e com cuidado
A corda pouco a pouco vão colhendo;
E tanto que se sente mais chegado
Ainda com fúria os mares combatendo,
Nos membros moles lhe abre uma rotura
Um novo Aquiles c'uma lança dura.

Do golpe sai de sangue uma espedada,
Que vai tingindo o Oceano ambiente,
Com o qual se quebranta a fúria insana
Daquela horrível peixe ou besta ingente;
E sem que pela plaga Americana
Passado tenha de Israel a gente,
A experiência e vista certifica,
Que é o Mar Vermelho o mar de Itaparica.

As repetidas rugas desta lança
A vital aura vai desamparando,
Com o qual se quebranta a fúria insana
Daquela horrível peixe ou besta ingente;
E sem que pela plaga Americana
Passado tenha de Israel a gente,
A experiência e vista certifica,
Que é o Mar Vermelho o mar de Itaparica.

Elis agora também no mar saltando
O que de Glaucos tem a habilidade,
Com um agudo ferro vai furando
Des queixos a voraz monstruosidade;
Com um cordel depois grosso e não brando
Da boca terra-lhe a concavidade,
Que se o mar serve no gemato fundo
Busca logo as entranhas do profundo.

Tanto que a presa tem bem subjugada
Um sinal branco lançam vitoriosos,
E outra lancha para isso decretada
Vem socorrer com cabos mais forçosos:

Uma e outra, se parte amparelhada,
 indo a vela, ou c'os remos furiosos,
E pelo mar serenas navegando
Para terra se vão endireitando.

Cuida um se mostra no remar constante,
Se lhe não tem o Zefiro assoprado,
E com indizes e suor bastante
Vem a tomar o pólo desejado.
Deste em espaço não muito distante,
Em o terreno mais acomodado,
Uma trufatil máquina está posta
Só para esta função aqui deposta.

O pé marge da terra para fora
Um versatil roda sustentando,
Em cujo âmbito logo se enroscara
Uma amarra, que a vai arreadando;
A esta mesma roda cá de fora
Homens dez vezes cinco estão virando,
E quanto mais a roda se repucha,
Tanto mais para a terra o peixe puxa.

Assim como esta indústria vão fazendo,
Que se segue ao lugar determinado,
E os rufantes Netuno recolhendo,
Vão subindo por um e outro lado;
Outros em burleões já vem trazendo
Flechas luadas e o braço machado,
E cada qual ligeiro se emparelha
Para o que seu ofício lhe aconselha.

Assim dispostos uns, que a fúria cria,
Dys membros sua, o curso desgrando,
Os quais quemson Facton, quando desce
Do terrífico rio inumerado,
Com algazarras muias e gritarias,
Fazendo os instrumentos grão ruído,
Uns aos outros em ordem vão seguindo,
E os adiposos membros divino.

O povo, que se ajunta é infinito,
E ali tem muitos sua dignidade,
Os outros vem do comarço dituito,
E despoem parte da cidade;
Reunha o ar com o continuo grito,
Só das pentas as concavidades,
E entre eles todos tal furor se acende,
Que às vezes um ao outro não se entende.

Qual em Habel o povo, que atrevido
Tentou subir ao Olimpo transparente,
Co'lo idioma próprio perverso
Foi n'uma confusão inlucubante;
Tal neste torre, ou monstro desmedido,
Levanta as vozes a confusa gente,
Que seguindo cada um diverso dogma
Palar parecem entre noutro idioma.

Desta maneira o peixe se reparte
Por toda aquela colibosa gente,
Colhendo a cada qual aquela parte,
Que lhe foi consignada no regente;
As baúas todas se depõem a parte,
Que juntas formam um acervo ingente,
Das quais se faz aceite em grande copia,
Do que esta terra padecer inopia.

Em vasos de metal largos e fundos
O estão com fortis chamas decretado
De uns pedaços, pequenos e focudos,
Que o fluido licor vão escorrendo;
São uns felios etíopes e inuados,
Os que estão este ofício vil fazendo,
Cujos membros de nutei andam unidos,
Daquelas cirandagens sapicados.

Este peixe, este monstro agigantado,
Por ser tão grande tem valia tanta,
Que o valor, a que chega costumeado
Até quasi mil áureos se levanta;
Que de ouvir tanto não sai admirado?
Quem de um peixe tão grande não se es-
planta?

Mas em quanto o leitor fica parrando,
Eu vou diversas coisas relatando.

Em um extremo desta mesma terra
Está um forte soberbo, fabricado,
Cujas bombarda ou máquina de guerra
Abala a ilha de um e outro lado;
Tão grande fortaleza em si encerra
De artilheria e esforço tão sobrado,
Que retumbando o bronze furibundo
Faz ameaça a terra, ao mar, ao mundo.

Poesias de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

43. Não há nesta ilha engenho fabricando
Dos que o açúcar fazem sabroso.
Porque um, que ainda estava levantado
Faz nele o seu ofício o tempo trono;
Outros houve também, que o duro fado
Por terra pôs cruel e rigoroso.
E ainda hoje um, que foi mais soberano
Pendura as cinzas por painel troiano.

44. Claras as águas são e transparentes,
Que de si manam copiosas fontes.
Um regam os vales adjacentes,
Outras descendo vem dos altos montes;
E quando com seus raios refletentes
As douras Fobos abrem os horizontes,
Tão cristalinas são, que aqui difusa
Parece nasce a fonte de Aretusa.

45. Pela relva do campo mais vívido
O gado junto e pingue anda pastando.
O roubador de Europa furioso,
E o que deu o véo de ouro em outro sendo,
O bruto de Netuno generoso
Vai às ardeas soltas levantando.
E nos bosques as feras Aetóneas
A república trilhavam das Napéas.

46. Aqui o campo florido se semia
De brancas asclepias e boninas.
Ali no prado a rosa mais frangida
Olorando as horas matutinas;
E quando Cloris mais se galanteia,
Dando da face exalações divinas,
Dos ramos no regaço vai colhendo
O clavel e o jasmim, que está pendendo.

47. As frutas se produzem copiosas,
De várias castas e de várias cores.
Um se estimam muito por cheirosas,
Outras levam vantagens nos sabores:
São tão belas, tão lindas e formosas,
Que estão causando a vista mil amores.
E se nos prados Flora mais blazona,
São os pomares glória de Pomona.

48. Entre elas todas tem lugar subido
As uvas doces, que esta terra cria.
De tal sorte, que em número crescido
Participa de muitas a Bahia:
Este fruto se gera apetecido
Duas vezes no ano sem porfia.
E por isso é do povo celebrado,
E em toda a parte sempre nomeado.

49. Os coqueiros compridos e vistosos
Estão por réis sérios ali plantados.
Criam cocos valhosos e formosos,
E por maiores são mais estimados:
Produzem-se nas praias copiosos
E por isso os daqui mais procurados.
Cedem na vastidão a bananeira,
A qual cresce, e produz desta maneira.

50. De uma laje ao tamanho se levanta
Estuque e reluzo o tronco tendo,
As suas folhas tem grandezas tanta,
Que até mais de onze palmos vão crescendo:
Da raiz se lhe erige nova planta,
Que esta o parto futuro prometendo,
E assim que o fruto lhe saxon e cresce,
Como das plantas vibura fenecer.

51. Os limões doces muito apetecidos
Estão virgíneos estas imitando,
E quando se vêm tempos e crescidos,
Vão as mãos curiosas incitando:
Em árvores copadas, que estendidos
Os galhos tem, e as ramas arastando
Se produzem as citras amarelas,
Sendo tão presumidas como belas.

52. As laranjeiras tem no fruto louro
A imitação dos pomos de Atalanta,
E pela cor, que em si conserva de ouro,
Por isso estimação merecem tanta.
Abre a rama da casca o seu tesouro,
Que do rubi a cor flameante espanta.
E quanto mais os bagos vai fendendo,
Tanta vai mais formosa parecendo.

53. Os melões excelentes e olorosos
Fazem dos próprios ramos galarias;
Também estende os seus muito vívidos
A pevidas e doce melancia;
Os fios de cor roxa graciosos
Poucos se legam salvo se a porfia
Se defendem de que com os biquinhos
Os vão picando os leves passarinhos.

54. No ananaz se vê como formado,
Uma coroa de espinhos graciosos,
A superfície tendo matizada
Do cor, que Cliterea deu à rosa;
E sustentando a coroa levantada
Junto a vestidura decorosa,
Está mostrando tanta gravidade,
Que vindo lá de partes estrangeiras

55. Também entre as mais frutas se jaqueiras
Dão pelo tronco a boca adocorada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta província é fruta desejada.
Não fiquem esquecidas as mangueirinhas,
Que dão a manga muito celebrada,
Pomo não só ao gosto delicioso,
Mas para o cheiro almiscar oloroso.

56. Inúmeras são as cascas beltas,
Que estão dando prazer por rubicundas,
Na cor também há muitos amarelos,
E uns e outros ao gosto jucundos,
E só bastava para apetece-los
Serem além de doces tão fecundos,
Que em si tem a brasileira castanha
Mais soborosa que a que cria Espanha.

57. Os araçás diversos e silvestres,
Uns são pequenos, outros são maiores:
Ofis, cajás, pitangas por agrestes
Estimadas não são dos moradores:
Mas maracujás chamar quero celestes,
Porque contém no gosto tais primores,
Que se os antigos na Ásia os encontraram,
Que era o nectar de Jove imaginaram.

58. Outras frutas disseram, mas agora
Tem lugar os legumes sabrosos.
Porém por não fazer mais demora
Deixo esta explicação aos curiosos;
Mas com tudo dizer quero por ora,
Que produz esta terra copiosos,
Mandioca, inhames, feijão e carás,
Batatas, milho, arroz e mangarás.

59. O arvoredo desta ilha rica e bela
Em círculo toda a vai criando,
De tal maneira que só basta vê-la
Quando já está alegrias convidando:
Os passarinhos, que se criam nela
De zuninho em zuninho andam cantando.
E nos bosques e brechas não se engana
Quem exercita o ofício de Diana.

60. Tem duas frequências muitas extensas
Das quais numa matriz mais soberana
Se dedica ao Redentor, que a expensas
Do seu sangue remiu a prole humana;
E ainda que do tempo tanta ofensa
A devoção com ela não se engana,
Porque tem uma imagem milagrosa
Da Santa Vera Cruz para difusa.

61. A Santo Amaro a outra se dedica.
A quem venerações o povo rende,
Sendo tão grande a ilha Itaparica,
Que a uma só paróquia não se estende:
Mas com estas igrejas só não fica
Porque capelas muitas compreende,
E nisto mostra seus habitantes
Como dos santos são veneratedos.

62. Dedica-se a primeira aquele santo
Martir, que em vivas chamas foi afilido.
E se tirano causou terror e espanto,
Quando por Cristo foi assado e frito.
Também não fique fora de meu canto
Uma, que se consagra a João Bemdito.
E outra (correndo a costa para baixo)
Que a Senhora se dá do Bom Despacho.

63. Outra a Antãoio Santo e glorioso
Tem por seu padroeiro e advogado,
Esta fundada num sítio delicioso,
Que por esta capela é mais amado.
Em um terreno, alegre e gracioso
Outra se fabricou de muito agrado,
Das Mercês a Senhora vordadeira
E esta capelinha a padroeira.

64. Também outra se vê que é dedicada
A Senhora da Penha milagrosa,
Aquí abastamente situada,
Esta numa planície, especiosa.
Uma também de S. José chamada
Ha nesta ilha por certo gloriosa,
Junta com outra de João, que sendo
Duas, se vai de todo engrandecendo.

65. Até aqui Musa: não me é permitido,
Que passe mais além a véloz pena.
A minha pátria tenho definido
Com esta descrição breve e pequena:
E se o te-la tão pouco engrandecido,
Não me louva, mas antes me condena.
Não uso termos de poeta esperto,
Pois historiador em tudo certo.

Descrição do inferno

Ja no centro da terra uma caverna
De aspero, tosco e lugubre edificio,
Onde tuncos do sol entrou luzerna,
Nem de pequena luz se viu indicio.
Ali o horror e a sombra é perpétua.
Por um pungente e funebre nefiticio,
Cujas fenestras, que tu monstro inflamas,
Respiradouros são de negras chamas.

Rodem este alcançar desditoso
Lagos inundados de palustres águas,
Onde um tremor e horror caliginoso
Penas descobre, desentranha mágoas:
Fontes geladas, fumo tenebroso,
Congelam ondas e maquam frígidas,
Moxclando em um confuso de crueldades
Chamas a neve o fogo friedades.

Ardenre serpe de sulfureas chamas
Os centros gra deste alvergue humbrosos.
São as falseas horridas escamas,
E o fumo negro dente venenosos.
As lavaredas das volantes flamas
Azas compõem ao monstro tenebrosos;
Que quanto queimam, despedaça e come,
Isso mesmo alimenta, que consume.

Um negro arroio em pálida corrente
Irado ali se torce tão furioso,
Que é no que morde horrifica serpente.
E no que inficiona aspide hurroroso;
Fétido vapor, negro e pestilente
Exala de seu seio tão ruivoso,
Que lá no centro sempre agonizado
De peste e sombra mostra ser formado.

As densas nevens as opacas sombras
Tanto encapotam a aspreza inculca,
Que em negra tumba, funebres alombros
Parece a mesma noite se sepulta.

Pantasma tristes, que tu Herebo assombras.
Terroros exaum onde mais avulta
O ruco som de súlidas estridentes.
O triste estrondo do ranger dos dentes.

Angústia, dores, pena e sentimento,
Suspiros, ántia e penalidades,
Gemidos tristes e cruel tormento,
Furores, raivas, iras e crueldades,
Em um continuado movimento.
Por todo o tempo e todas as idades
Tanto a matéria, que criam, destroçam,
Quanto a matéria, que destroem, remoçam.

Revolvendo-se em chamas crepitantes
All está Judas n'uma cama ardente.
No coração tem viboras flamantes.
Na língua um aspide feio e pestilente:
Geme e suspira todos os instantes.
Bisfema irado, rugo impaciente.
Tendo a seu lado Herodes e Pilatos,
Anás, Caiás e outros mentecaptos.

Ja em um lago gravitoso e imundo
O arquitério árabe e agareno,
Que perdição quis ser de quase um mundo,
Patrocinando o vício vil terreno:
De uma parte submerso no profundo
De si mesmo furor, peste e veneno,
Está Calvino, e de outra agonizando,
Luturo em fogo e água ardendo e gelando

Prêso n'um calabouço tenebroso
Está Alexandre em um nevado rio,
Que ainda agora por muito rubicoso
Temem quebra do inferno o senhorio:
Em um rubeo de chamas horrosos
Estão Belo, Xerxes, Cevela e Dario,
Aurélio, Cesar e Domitiano,
Augusto, Nero, Tito e Juliano.

Em fim ali de todas as idades
De todas as nações em disatinos
Se vêem penas à força de crueldades
Homens, mulheres, velhos e meninos:
Uns entre as neves e as voracidades
Do fogo ardente, e alguns entre os malignos
Aspidos, botres, viboras, serpentes,
Que os tragam e comecem com seus dentes.

Mas quanto pôde a humana fantasia
Cuidar desta inamorta horrenda e escura.
E quanto pôde a livre Poesia
Ficar em vá e apocrita pintura.
E uma hora e própria alegoria,
Com uma metáfora escultura,
Que o inferno só consiste e o vil-pezano
Na pena dos sentidos e do dano.

Em e mais alto deste sólio infando,
Em um trono de chamas sempre ardentes,
Ja Lucifer, a quem estão tragando
Aspides negros, serpes pestilentes:
Ele com ira e com furor bramando
Se despedaça com agudos dentes,
Sendo para seu dano e eterno fado
De si próprio fiscal e algoz irado

Viboras por cabelos cento a cento,
Por olhos tem dolo Rinas denegridos.
Por boca um crocodilo truculento,
Por mãos dois basiliscos retorcidos.
Por cerebro a soberba e o tormento
Por coração, por membros os latidos.
Por pernas duas cobras sibilantes,
Por pés dois Mangibelos tem flamantes.

Aquilo mesmo cre de que duvida
Ten: fastio do mesmo, que apetece.
O que não quer para isso se convida.
E afeta aquilo tudo que aborrece:
Quando quer repousar então mais lida,
Quando abrandar-se muito se enfurece,
Ancias são gostos, penas disafogo,
Por fogo a neve tem, por neve o fogo.

Destruição de Jerusalém

A romana trombeta deu o primeiro
Sinal e respondeu a gente hebreica:
Ouvir-se o som no Olivete outside.
E por toda a montanha de Judá:
Um povo por triunfante e por guerreiro,
E o outro pelo dano, que recia,
Puxam pelas espadas reluzentes,
Que no ferir são raios sempre ardentes.

Dos cavalos o estrepido furioso
Punha a terra, as pedras se arrancavam,
E os inimigos com tremor medroso
Fulverulenta fuga maquamavam:
Uma investiam com valor bruto.
E outros batando as crinas respiravam
Pelas narizes viação ardente,
Maquamavam na boca a espuma quente.

Já as anéis e torres se abalavam.
Com furia grande e impeto tremendo.
As bandeiras abertas tremulavam.
Boava do laboar o estrondo horrendo:
As trincheiras e fossos se escalavam.
Os contrários fugindo, outros morrendo.
Era no horror, assombro e crueldade
O valor ralo, a ira tempestade.

De densas nevas o ar se condensava
Das metias luas ferras ascodidas:
E de rubidas pedras se obumbrava
Pela circular mão circumdizada.
A arde dentro os pes se levantava.
Vagando lam as lanças impelidas.
E num confuso eclipse e tenebroso,
Punham a mesma luz morto horroroso.

Das romanas trombetas os clamores
Pelo contorno grande retumbavam.
E com o horrível som rijo clamores
Os mesmos rios de vapor paravam:
Os pequenos meninos correm temores
Nos regaços das mãs se desmamavam,
E ouvindo o eco irado e som terrível
Temblava o arzo fraco e mais sensível.

Da morte alguma fugindo, feia e crua
Aos lugares mais fortes se acolhiam,
E outros passados com a espada nua
No sangue a morte calida bebiavam:
Muitas nas torres, casas, praça e rua
Morrendo com valor se defendiam,
E até dos que nas covas se esconderam
Alguns perpetuamente adormeceram.

Quaes as ovelhas lassas e espargidas
No prado suado, ao pé da clara fonte
Se acontece que não acometidas
Das lobos, que aparecem lá defronte,
Um mortas ficam e outras mal feridas,
Algumas fogem para a brecha e o monte.
Tais as judaicas gentes pereciam
Entre os Romanos, que se enfureciam.

Muitos ao cativado se entregando,
Compulso e piedade nos pediam,
E a vida humildemente suplicando
Com promissão as armas ofereciam:
Mas outros fortemente resistiam,
Nos fortins mais seguros resistiam,
Onde fiseram danos dolorosos
Os aproches e atletes forçosos.

As mãs os filhos ternos carregando
E outros trazendo pela mão fugiam,
E os durados cabos desgredilhando
Chorosas as donzelas se seguiam:
Os velhos já não enimo gasteando
Do perigo livrar-se pretendiam,
E aqueles, que escapavam com a vida
Lhes dava e timor azas na fuga.

Não assim tanto os que junto das fontes
Do Nilo tipico faziam as moradas,
Quando sentem crescerem as enchentes,
Que os inundam com grandes enxurradas:
Correm ligeiros, fogem diligentes
Para as ribeiras toda não banhadas
Como este povo se afastava enxangue
Da grande enchente e dos caudales de sangue.

Aqui cala o levantado tronco
Com som tristonho e lugubre rugido:
Ali estalava o duro muro e bronco
Do furioso arteite impellido:
Por outra parte com estralo runcos
Se ouvia dos penedos o ruído:
E era cada ruído e cada moto
Monte caído, horrendo terremoto.

Qual o vento boreal tempestuoso,
Quando as ondas maritimas provoca,
E com um chuveiro negro e proceloso
As esterne penetra, os ares choca,
Erge a terra em um globo envoltuoso,
Os troncos quebra, despedaça a roca,
Tais dos soldados eram os furores,
Destruindo o que achavam com rigores.

Em arroios de púrpura banhados
Os disformes Cadáveres caíam
E alguns supinos e outros debruçados
O mesmo sangue calido bebiam:
Muitos em postas feitas e truncadas
Tremulos pelo chão saltar se viam,
Tendo nestes de horror triste transtorno
A prua objetos e a magoa assuntos.

A ira e o valor coadunados
Aos que resistem punem de tal sorte,
Que no ardor de vencer precipitados
Achava, procurando, a vida, a morte.
Com tal crueldade foram destróçados,
Com tal furor e colera tão forte,
Que a veniência do eco destes males
Se ouvia nos montes, se sentiu nos vales.

As vozes, os temores, os tormentos,
Dos soldados, dos presos e feridos,
Das virgens, dos meninos, os lamentos
Os gemidos, os prantos e alaridos,
Pela terra, pelo ar e pelos ventos
Foram vagos, dispersos e espargidos,
E o sol claro, o ar sereno e o céu enxuto
Vestiu sombras, foi trevas, trajou luto.

Coléricos com ira e ardor bramavam
Os capitães romanos vitoriosos,
E quanto resistia rechacavam,
Trânicos, cruéis e furiosos:
Já de uma vez os vivos se entregavam
Nas mãos dos vencedores gloriosos,
Que por força há de ser executado
O que do céu está determinado.

Onas vezes com mil neste conflito
Do consocio dos vivos se apartavam,
Noventa e sete mil ao grande Tiro
Por civis humildes se entregavam,
Assim se destruiu do antigo rito
A Cidade-Princesa e só ficaram
As pedras, onde teve a sepultura
O filho de Maria Virgem pura.

Aquele templo, que exaltou a fama
Cura de Deus primeira neste mundo
Maravilha maior que hoje se aclama
Houve por todo o círculo rotundo,
Destruída com ferro e pela chama,
Abandonada ficou, desfeito e imundo,
Exemplo dando aos homens desta sorte,
Que os mártires também podem morte.

Poesias de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica

A morte do rei dom João V

Cunção fúnebre

Oh! tua grande cidade e populosa,
Quil'ás do Brasil metrópole florente,
Ouvim tão festiva e tão contente,
Hoje porém tão triste e tão saudosas;
Já sei que te moveu a este pranto,

E luto tanto,
A nova triste
Que bem ouvi-te.
(Oh cruel sorte!)
Da felta morte.

Da tua grande monarca, que rebando
T'foi com novas glórias exaltando!...
E a tua continua primavera,
P'negio do clima em que nasceste,
Bem te posso dizer que hoje a perdeste;
Mas agora já o que antes era:
P'rao important as árvores frondosas

E bem vistosas
Com muitas flores
De várias cores.
E as campinas
Com mil boninas.

Se toda esta frescura e esta beleza
Se contine com pena e com tristeza,
Cantando vão os paramos do vento
Sem festejar o sol com melodia,
O seu habitadores que algum dia
Faviam coro e musico instrumento,
Alguns tempo se ouvirá a voz canora.

Porém agora
Os passarinhos
Nos seus raminhos
Não dão recreio
Com seus gorjeios;

E só no alto silencio gemem graves
Com vozes tristes as noturnas aves.
Estra que de cristal com prósas frias,
Oy de lenda prata com correntes,
Faviam de flora delicias florescentes,
Faviam de flora verdades alegrias,
Tudo acabou no mar de que nasceram,

Mas não poderam
Recorrer a água,
Que a traze magos
Desta desgosto
Te traz ao rosto.

Quando parte da terra inundariam,
Porque troças enchentes tomariam.

Correndo pelo bosque o tigre borrendo,
Dá morte ao javali que vai fugindo;
A voraz onça com furor bramindo
Ao cervo segue que já está tremendo;
Mas todos estes animais ferozes

Muito velozes
Tão matadores
E trágicos,
Que causa espanto,

As saboneras pretas deixariam,
E para as suas covas fugiriam,
Tudo sem ordem e confuso assiste;
Palido sol com nuvens se obscurece;
E no occaso também não aparece
A alampada que alegria a noite triste;
Só se ouvem os gemidos lastimosos

E dolorosos
Que o sentimento
Incita ao intento;
E todo o dia,
E noite fria,

Soam as vozes do metal fundido,
Retumba o bronze a espaços repetido!...

SONETOS

Pela morte de D. João V

I

Aus ainos e salvas

Esses estrondos que da noite e dia
Fazem estremecer a esfera ambiente,
São da morte sinal claro e evidente
Do Salomão da lusa monarquia.

Não só a Lusitania que regia,
E o seu povo o chorou amargamente;
Mas também lamenta-lo eternamente
Asia, Africa e Europa bem devia.

De Alemães, Espanhoes, Belgas, Francôses
Compoz discordias, com saber profundo
Tão magnificamente e tantas vezes

Que bem posso dizer tanto me fundo;
Que não faltou o rei dos Portuguezes,
Mas que morreu o Imperador do mundo.

II

A morte

Morreu em fim o rei dos Lusitanos,
Mas como homem não sentiu a morte,
Como fênix morreu, que desta sorte
Acrescentou morrendo os próprios annos.

Um rei tão singular entre os humanos,
Se acabára da parca ao duro corte,
Pôra tão grande o sentimento e forte
Que causara no mundo immensas danos.

Mas como a fênix já desfalecida
Desde modo acrescenta a sua idade,
Não se sente essa morte, é aplaudida;

Oh mitigue-se a nossa saudade,
Que deu o nosso rei, perdendo a vida
Tão cedo, mais aumento à eternidade.

III

O Mauolés

Uma pequena, americano povo,
E' para o rei dos homens a presente,
Porque é só matuolés conveniente
O mundo todo, o velho, e mais o novo.

A coberta que tem também reprovo,
Pois limitada a julgo e indecente,
E só o céu azul e transparente,
Por digna campã lhe consago e aprovo.

Essas tochas, que luzem cento a cento,
Poucas e escuras são, e só serviam
As estrelas, que vêm no firmamento.

Águas, que de tristezas os olhos criam,
Pequenas gotas são, que em tal tormento
Só lágrimas dilúvio se podiam.

Sonho

Em um vasto me achei e novo mundo
De nós desconhecido e ignorado,
Em cujas praias bate um mar profundo,
Nunca até agora de algum lenho arado:
O clima alegre, fértil e jocundo,
E o chão de árvores multas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era
Ali sempre continua a primavera.

Delas estavam pomos pendurados,
Diversos na fragrância e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão e sem cultura;
E entre os troncos multos levantados,
Que ainda a fantasia me figura
Havia um pau de linta muí fecundo,
Transparente na cor, e rubicundo.

Passara muitos de diversas cores
Se viam várias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos hiebes
Em cópia grande estavam dimanando:
Peixes vi na grandessa superiores,
E animais quadrípedes saltando,
A terra tem do metal leito as veas,
Que de alguns rios se acha nas areás.

E quando a vista estava apazentando
Destas coisas na alegre formatura,
Um velho vi, que andava passeando
De desmarchada e incognita estatura:
Com sobressaio os olhos fui firmando
Naquelle sempre móvel criatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que vários rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabelos brancos como a neve
Fela velhice muito carcomido,
E só com penas se trajava ao leve,
Porque lhe eram peidos mais vestidos;
Andava sempre mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um baculo em as mãos acomodaado,
Do qual para o passeio se ajudava.

Fiquei desta visão maravilhado,
Como quem de tais monstros não sabia,
E logo perguntei sobre o resultado
Que era que buscava, e que queria?
Ele virando o rosto remendado
Da córa da escura noite e claro dia,
Quem eu era, respondeu, quem procurava,
E que Protero, disse se chamava.

Esta que vês (continuo dizendo)
Terra aos teus escondida e ocultaada,
Quando um velho foi mais envelhecendo
De um rei grande he de ser assinalada:
Não te posso dizer o como e sendo
Esta noticia a outros reservada,
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados séculos futuros.

Porém isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a falar-te desta moda,
Mas de outra coisa venho a informar-te,
Que muito mais do que isto te acomoda:
Sem poder começar della a gozar-te,
Que para isso vou andando em roda,
E para que não estejas cuspadoos,
Quero dar-te a noticia presagosa.

Naquelle te me mostro uma grande ilha,
Formosa, fresca, fértil e aprastrel,
A quem Netano o seu tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensível;
Há de vestir a pueril manilha,
Depois de nela ter a aura visível,
Um, que para que a ti versos ordene,
Há de beber da fonte de Hippocrere.

Este pois lá num século futuro,
Póde que della amente e apartado,
Porque com os filhos sempre foi perjuro
O patrio chão, e os trata sem agrado,
For devotoo intimidade e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e desse dois deusa pousada,
Há de cantar em lira temperada.

VENUS! DIVINA VENUS!

(Um conto desconhecido de Machado de Assis)

— Venus! Venus! divina Venus!

E despendendo os olhos da parede
em, estava uma réplica pequenina da
Venus de Milo, Ricardo arremetia
contra o papel e arrancou de si dois
versos para completar uma quadra
obscurecida as sete horas da manhã.
Ricardo, este e mais, a chieira de café,
que o mal lhe trouxera antes de sair
para a missa, estava inatenta e fria
como a mesa; a cama, ainda desfeita,
uma pequena cama de ferro, a mesa
que escrevia era de pinho; a um
canto um par de sapatos, o chapéu
pendente de um prego. Desarranjado e
lento de início. O poeta, com os pés
abridos em chinelos velhos, com a
cabeça apoiada na mão esquerda, lá
observando a poesia. Tinha acabado a
quadra e releu-a:

Mimosa flor que domina
Todas as flores do prado,
Tu tens as formas divinas
De Venus, modelo amado.

Os dois últimos versos não lhe pa-
reciam tão bons como os dois pri-
meiros, nem lhe saíam tão fluente-
mente. Ricardo deu uma pancadinha
na borda da mesa, e endireitou
o busto. Concertou os bigodes, fitou
o busto a Venus de Milo. — Uma
réplica, copia em gesso, — e tratou de
ver se os versos lhe saíam melhores.
— Não vieste aqui, olhos claros e mi-
nha cara sem expressão, não bonita
nem feia, buanal. Cabelo reluzente de
dó, que ele põe todos os dias, den-
tadas com esmero. As mãos são
de canchinas, como os pés, e tem as
unhas compridas e encurvadas. Em-
pregado em um dos arsenais, vive
com a mãe (já não tem pai), e paga
a casa e parte da comida. A outra
mãe e paga pela mãe, que, apesar
de velha, trabalha muito. Moram no
bairro dos Cajueiros. O ano em que
se dava era o de 1859. E' domingo.
Durante que a mãe foi a missa quasi
não se precisava acrescentar que com um
curado vestido preto.

Ricardo perseguia. O amor às unhas
faz com que não as rão, quando se
acha em dificuldades metricas. Em
compensação, afaga a ponta do nar-
iz com a ponta dos dedos. Esforça-se

por sacar dali dois substitutivos, mas
inutilmente. Afinal, tanto repetiu se
dóis versos condenados, que acabou
por achar a quadra excelente e con-
tinhou a poesia. Seis a segunda es-
trofe, depois a terceira, a quarta e a
quinta. A última dizia que o Deus
verdadeiro, querendo provar que os
falsos não eram tão poderosos como
supunha, inventara, contra a bela Ve-
nus, a formosa Marcela. Gostou desta
idéia; era uma chave de ouro. En-
gheu-se e passou pelo quarto, re-
leitando os versos; em seguida, passou
diante da Venus de Milo, encantado
da comparação. Chegou a dizer-lhe
em voz alta:

— Os braços que te faltam são os
braços dela!

Também gostou desta idéia, e ten-
tou convertê-la em uma estrofe, mas a
vela esgotou-se. Copiou a poesia, —
primeiramente com um caderno de ou-
tra; depois, em uma folha de papel
bordado. Acabou a copia quando a
mãe voltava da missa. Mal teve tempo
de guardar tudo na gaveta. A mãe
viu que ele não bebera o café, feito
por ela, e posto ali com a recomen-
dação de que o não deixasse esfriar.

Hão de ser os malditos versos! prin-
cipou ela consigo.

— Sim, mamã, foram os malditos
versos! disse ele.

Maria dos Anjos, espantada:

— Você advinhou o que eu pensei?

Ricardo podia responder que já lhe
ouvira muitas vezes aquelas palavras,
acompanhadas de certo gesto carac-
terístico; mas preferiu mentir.

— O poeta advinha. A inspiração
não serve só para compor versos, mas
também para ler na alma dos outros.

— Então, você leu também que eu
rezei, hoje, mi missa por você?

— Li, sim, senhora.

— E que pedi a Nossa Senhora mi-
nha madrinha, que acabe com essa
paixão, por aquela moça... Como se
chama mesmo?

Ricardo, depois de alguns instantes
respondeu:

— Marcela.

— Marcela, é verdade. Não disse
o nome, mas Nossa Senhora sabe. Eu
não digo que você não se merreia com
o conego. Mas, Ricardo, você

não pode tomar estado. Ela é filha de
doutor, não hade querer lavar nem
esgomar.

Ricardo teve meralmente náuseas.
Aquella idéia reles de lavar e engo-
mar era própria de uma alma baixa,
ainda que excelente. Venceu o asco,
e chamou para a mãe, com um gesto
igualmente amiguo e superior. No al-
moço disse-lhe que Marcela era a mais
formosa moça do bairro.

— Mamã acredita que os anjos ven-
ham à terra? Marcela é um anjo.

— Acredito, meu filho, mas os an-
jos comem, quando estão neste mundo
e se casam... Ricardo, re volte ainda
com tanta vontade de casar, porque
não aceita Felismina, sua prima, que
gosta tanto de você?

— Ora, mamãe! Felismina!

— Não é rica, é pobre...

— Quem lhe fala em dinheiro?

Mãe, Felismina! Basta-lhe o nome; é
difficil achar outro tão ridiculo. Fe-
lismina!

— Não foi ela que escolheu o nome,
foi o pai, quando ela se batizou.

— Pois sim, mas não se segue que
seja bonito. E depois, eu não gosto
dela, é prosaica, tem o nariz corru-
do e os hombros estreitos, sem graça;

os olhos parecem mortos, olhos de
peixe podre, e fala arrastado. Parece
da roça.

— Também eu sou da roça, meu fi-
lho, repêtem a mãe com brandura.

Ricardo, almooou, passou o dia a-
lento, felizmente lendo versos, que
fora o seu calmante. Tinha um volu-
me de Casemiro de Abreu, outro de
Soares dos Passos, um de Lamarinho,

não contando os setes próprios manu-
critos. De noite, foi a casa de Marcela.

Ja resolvido, não eram os primeiros
versos que escrevia. A moça, mas não
lhe entregára nenhum. — por acaban-
mento. De fato, esse namoro que
Maria dos Anjos recebia acabasse
em casamento, não passava ainda de
algunas ohares e durava já umas
semanas. Foi o irmão de Marcela
que apresentou ali o nosso poeta, com
quem se encontrava, às tardes, em um
armazinho do bairro. Disse que era
um moço de muita habilidade. Mar-
cela que era bonita, não deixava pas-
sar olhos sem fazer-lhes alguma per-

gunta a tal respeito, e como as res-
postas eram todas afirmativas, fingiu
não entendê-las e continuava o in-
terrogatório. Ricardo respondeu pron-
to e entusiasmado: tanto bastou pa-
ra continuarem uma variação infini-
ta sobre o mesmo thema. Entrando, não
havia nenhuma palavra de boaz,
troçada entre eles, e como se se pa-
recesse com declaração. Os próprios ce-
dos de Ricardo eram frouxos, quando
recebiam os dela, que eram frouxissi-
mos.

— Hoje deu o golpe, lá ele pensando.

Havia grite em casa do Dr. Viana,
pai da moça. Tornava-se piano, Mar-
cela perguntou-lhe logo com os olhos
do costume:

— Que tal me acha?

— Linda, angelica, respondeu Ri-
cardo pelo mesmo idioma.

Apêso a algebrá do fraque, lá
estava a poesia metida em sobrecorta
cór de rosa, com uma pombinha cor
de ouro, em um dos cantos.

— Hoje temos só, disse-lhe o filho
do Dr. Viana. Aqui está este sonho,
que é excelente parêro.

Ricardo quis recusar; não pôde, não
podia. E lá foi jogar o solo, a tenta-
ta, em um gabinete, ao pé da sala de
visitas. Cerca de hora e meia não ar-
redou pé; afinal, confessou que esta-
va cansado, precisava andar um pou-
co, voltaria depois.

Correu à sala. Marcela tocava pia-
no, um moço de bigodes compridos,
no pé della, a cantar não sei que
aria de opera italiana. Era tenor, con-
tra, romperam grandes palmas. Ricar-
do, ao canto de uma janela, fez-lhe o
favor de umas palminhas, e esperou
os olhos da pianista. Os dele medita-
vam já na frase: "Sua e mais bela,
o mais puro e mais adorável dos ar-
canjos, o soberano do meu coração e
da minha vida". Marcela, entretanto,
foi sentar-se entre duas amigas, e de
lá perguntou-lhe:

— Parece-lhe bonita?

Ele, pela mesma lingua, respon-
deu que sim, mas com tal clareza e autori-
dade, e como se fora o próprio inven-
tor do idioma. E não esperou nova
pergunta; não se restringiu a resposta;
disse-lhe com energia:

— E eu, que lhe pareço?

Ao que Marcela respondeu, sem
nem grande hesitação:

— Um belo noivo!

Ricardo empalideceu. Não comen-
te a significação da resposta, mas
ainda assistiu ao dialogo, que con-
tinhou com vivacidade, abundância e
expressão. Donde vinha esse pelintra?
Era um jovem medico, chegado dias
antes da Bahia, recomendado ao pai
de Marcela; jantara ali, a reunião era
em honra dele. Modos distintos, bel-
liza de tenor... Tives foram as in-
famações que deram ao pobre diabo. Du-
rante o resto da noite, apenas pôde
colher um ou dois olhares rápidos
Resolveu sair mais cedo para mostrar
que estava ferido.

Não foi logo para casa; vagou uma
hora ou mais, entre o desânimo e o
furor, falando alto, tirando esque-
cê-la, desprezê-la. No dia seguinte,
almooou mal, trabalhou mal, jantou
mal, e trançou-se no quarto à noite.

A consolação unica eram os versos,
que achava lindos. Releu-os com amor.
E a musa deu-lhe a força d'alma que
a aventura de zombar lhe tirara.

Passados três dias, Ricardo não pôde
mais coisoso, e foi à casa do Dr. Viana,
achou-o de chapéu na cabeça, as-
perando que as senhoras acabassem de
vestir-se; iam ao teatro. Marcha desce-
u da porta pouco radiante, e pergun-
tou-lhe oculamente:

— Que tal me acha com este vestido?

— Linda, respondeu ele.

Depois, animando-se um pouco, per-
guntou Ricardo a moça, sempre com
os olhos, se queria que também ele
fosse ao teatro. Marcela não lhe res-
pondeu; dirigiu-se para a janela, a ver
o carro que chegara. Ele não sabia
(como sabe-lo?) que o seu medico
balano, o tenor, o diabo, Marcela, em
suma, combinara com a familia ir ao
teatro, e já lá se estava esperando.
No dia seguinte, com o pretexto de
saber que tal andara o espetáculo
correu a casa de Marcela. Abriu-a
em conversação com o tenor, ao lado
um do outro, contava que nunca lhe
dera. Quinze dias depois falou-se da
possibilidade de uma aliança; quatro
meses depois estavam casados.

(Conclui na pagina seguinte).

VENUS! DIVINA VENUS!

Quêra contar aqui as lágrimas de Ricardo, mas não as houve. Imprecções, sim, protestos, juramentos, ameaças, vindo tudo a acabar em uma poesia, com o título *Perfuro*. Publicou essas versos, e para lhe dar toda a significação, pôs-lhe a data do casamento, Marcela, porém estava na lua de mel, não lia os jornais nem dos olhos do marido.

Amor cura amor. Não faltavam mulheres que tomassem a si essa obra de misericórdia. Uma Faustina, uma Dorotéia, uma Rosalina, outras ainda, vieram sucessivamente adotar as azas nos sonhos do poeta. Todas tiveram a mesma madrinha:

— Venus! Venus! divina Venus! Choviam versos, as rimas buscavam rimas, cantadas de serem as mesmas; a poesia fortalecia o coração do moço. Nem todas as mulheres tiveram notícia do amor do poeta; mas bastava que assistissem, que fossem belas, ou quasi, para fasciná-lo e inspirá-lo. Uma dessas tinha apenas dezesseis anos, chamava-se Virginia e era filha de um tabelião, com quem Ricardo se fez encontrado para mais facilmente penetrar-lhe em casa. Foi-lhe apresentada como poeta.

— Sim? Eu sempre gostei de versos, disse o tabelião; se não fosse o meu cargo, escreveria alguns versinhos. No meu tempo compunha fábulas. O senhor gosta de fábulas?

— Como não? redarguiu Ricardo. A poesia é melhor, mas a fábula... Melhor? Não compreendo. A fábula tem conteúdo, além da graça de fazer rir os animais...

— Justamente! Então, como é que disse que a poesia é melhor?

— Num sentido. Que sentido?

— Quero dizer, cada forma tem a sua beleza. Assim, por exemplo...

— Exemplos não faltam. A questão é que o melhor seja a poesia lírica, não é? Ou a fábula. São os dois lados.

— Realmente, parece que não é melhor, confessou Ricardo.

— Diga logo inferior. Lutar, noivas, virgens, lago, estrelas, olhos do anjo. São palavras vãs, boas para poetas apaixonados. Eu, tirando-me a fábula e a sátira, não sei para que serve a poesia. Para encher a cabeça de catiminhais, e o papel de tolice...

Ricardo aturou toda essa rubrica do tabelião, para o fim de ser admitido em casa dele — coisa fácil, porque o pai de Virginia tinha algumas fabulitas antigas e outras inéditas e poucos visitantes do ofício ou verdaderamente nenhum. Virginia acolheu o moço com boa vontade. Desta vez o noivo Ricar-

do não se deixou ficar atado. Não lhe fez declarações francas e em prosa, dava-lhe versos às escondidas. Ela guardava-os "para os ler depois" e no dia seguinte agradecia-o.

— Muito mimoso, dizia sempre.

— Eu fui apenas secretário da musa, respondeu ele uma vez; os versos foram ditados por ela. Começou a musa?

— Não.

— Veja no espelho.

Virginia entendeu e correu. Já os dedos de ambos começavam a dizer alguma coisa. O pai ia muitas vezes com eles ao Passeio Público, entreando-os com fábulas. Ricardo estava certo de dominar a mocinha e esperava que ela fizesse os diálogos para ele, mas a leitura casual daquela elegia de Lamartine, em que há estas palavras: Elle avait seize ans; c'est bien tôt pour mourir! deu-lhe ideia de escrever alguma coisa em que aquilo entrasse por epigrafe. E trabalhava, à noite, de manhã, na rua, tudo por conta da epigrafe.

Ele havia seize ans; c'est bien tôt pour mourir! Respeita ele andando.

Finalmente, a moça arribou, no fim de quinze dias, e logo que pôde foi convalescer na Tijula, em casa da madrinha. Não foi sem levar um soneto de Ricardo, com a famosa epigrafe, o qual principiava por estes dois versos.

Agora, que a mimosa flor caída do terrível vento da procela...

Virginia convaleceu depressa; mas não voltou logo, ficou lá um mês, dois meses, e, como eles não se correspondiam, Ricardo via naturalmente ansioso. O tabelião dizia-lhe que as aves eram boas, que a filha andava fraca, e não descreia com estar inteiramente restabelecida. Um dia deu-lhe uma fábula, composta na véspera, e dedicada ao bacharel Vieira, sobrinho da comadre.

— Compreendeu o sentido, não? perguntou-lhe no fim.

— Sim, senhor, entendi que o sol, disposto a restituir a vida à lua...

— E não aluna?

— A moralidade é clara.

— A ocasião?

— A ocasião é o casamento de minha peçurucha com o bacharel Vieira, que chegou de S. Paulo; gostaram-se; foi pedida ante-hontem.

— E a fábula deslindou aborçoso completamente o rapaz. Desenganado, tornou a acabar com mulheres e musas. Que eram musas sendo mulheres? Con-

tou à má esta resolução, sem entrar em pormenores, e a mãe o aprovou de tudo. De fato, meteu-se em casa, às tardas e às noites, deu da musa aos pesseiros e aos namoros. Não compoz mais versos, esteve a ponto de quebrar a Venus de Milo. Um dia soube que Felismina, a prima, ia casar. Maria dos Anjos pediu-lhe uma cinco ou dez mil réis para um presentinho; ele deu-lhe dez mil réis, logo que recebeu o ordenado.

— Com quem casa? perguntou.

— Com um moço da Estrada de Ferro.

Ricardo consentiu, em ir com a mãe, a noite, visitar a prima. Lá achou o noivo, ao pé dela, no campo, conversando baixinho. Depois das apresentações, Ricardo encostou-se ao canto de uma janela, e o noivo foi ter com ele, passados alguns minutos, para dizer-lhe que estimava muito conhece-lo, tinha uma casa às suas ordens e um criado para o servir. Já o tratava por primo.

— Sei que o meu primo é poeta.

Ricardo, com fastio, deu de ombros.

— Ouvi dizer que é um grande poeta.

— Quem lhe disse isso?

— Pessoas que sabem. Sua prima também me disse que fazia bonitos versos.

Ricardo, após alguns segundos:

— Fia versos, provavelmente não os farei mais.

Dai a pouco estavam os noivos outra vez juntos, falando baixinho. Ricardo teve-lhe inveja. Bem felizes, uma vez que gostavam um do outro. Pareceu-lhe até que já gostava ainda mais, porque seria sempre. E daí talvez fosse para mostrar os lindos dentes que Deus lhe dera. O andar da moça também era mais gracioso. O amor transformava as mulheres pensava ele; e prima era melhor do que era. O noivo é que lhe pareceu um tanto impertinente, só a tratá-lo por primo... Disse isto à mãe, na volta para casa.

— Mas que tem isso?

Souben nessa noite que assistia ao casamento de Felismina, muitos cantos, muitas flores, e a toda de branco, o noivo de gravata branca e casaca preta, cedeu muita, brindes, recitando a Ricardo uma versos.

— Se outro não recitar, se não eu... disse ele de manhã, ao sair da cama.

E a figura de Felismina entrou a perseguir-lo. Dois dias depois, não ia case dela, via-a conversar com o noivo, e teve um pequeno desejo de acompanhá-lo a rua. Sembe que ele ia na manhã seguinte para a Barra do Piraí, a serviço.

— Demora-se muito?

— Oito dias.

Ricardo visitou a prima todas essas noites. Ela, intervindo com o sentimento que via nascer no primo, não sabia que

veja a minha boca. Chela de terra Chela de sal. E que está ensanguentado Como dois olhos chorando.

Veja estes meus braços Estes meus pobres braços. Quebrados. Pendidos e inertes Como dois pendulos parados.

Mas não veja meus olhos. Não erga o seu olhar para os meus olhos. Agora, e seu lugar. So encontrará Duns órbitas Vazias.

Sérgio Veloso

fizesse. A principio resolveu não aparecer-lhe; mas aparecia-lhe, e ouvia tudo o que ele contava com os olhos nos dele. A mãe tinha a vista curta. Na véspera da volta do noivo, Ricardo espreitou-lhe a mão, com força, com violência, e disse-lhe adeus "até nunca mais". Felismina não ousou pedir-lhe que viesse; mas passou a noite mal. O noivo regressou por dois dias.

— Dois dias? perguntou-lhe Ricardo na rua onde ele lhe deu a notícia.

— Sim, prima, tenho muito que fazer, explicou o outro.

Partiu, as visitas continuaram; os olhos falavam, os braços, as mãos, um dialogo perpetuo, não espiritual, não filosofico, um dialogo fisiológico e familiar. Uma noite, Ricardo sentiu que pegava da prima, e subia com ela ao alto de um penedo, no meio do oceano. Via-a sem braços. Acordando de manhã, olhou para a Venus de Milo.

— Venus! Venus! divina Venus!

Atrou-se à mesa, ao papel, meteu mãos a obra, para compor alguma coisa, um soneto, um soneto que fosse e olhava para a Venus, — a imagem da prima, — e escrevia, riscava, tornava a escrever e a riscar, e novamente escrevia até que lhe saíram os dois primeiros versos do soneto. Os outros vieram vindo, daí aqui, daí acolá.

— Felismina! exclamava ele. O nome dela há de ser a chave de ouro. Rima com divina, e cristalina. E concluiu assim o soneto.

E tu, criança amada, tão divina Não és cópia da Venus celebrada. És antes seu modelo. Felismina. Deu-lhe nessa noite. Ela chorou depois que os leu. Tinha de pertencer a outro homem. Ricardo, ouviu essa palavra e disse-lhe no ouvido:

— Nunca!

Indo a acabar os quinze dias, o noivo

escreveu dizendo que precisava ficar ainda na Barra umas duas ou três semanas. Os dois, que iam dando pressa a tudo, trataram da comitiva. Quando Maria dos Anjos ouviu no fim que ia desposar a prima, ficou espantada e pediu que se explicasse.

— Isto não se explica, mamãe...

— E o outro?

— Está na Barra. Ela já lhe escreveu pedindo desculpa e contando a verdade.

Maria dos Anjos abanou a cabeça com ar de reprovação.

— Não é bonito, Ricardo...

— Mas se nós gostamos um do outro? Felismina confessou que ia casar com ele, à toa, sem vontade; que sempre gostara de mim; casava por não ter com quem.

— Sim, mas palatrinha dada.

— Que palavra, mamãe? Mas se tu a adora; digo-lhe que a adora. Quer que eu ficasse a olhar ao sinal, e ela também, só porque houve um engano, uma palavra dada sem reflexão? Felismina e um anjo. Não foi a toa que lhe deram um nome, que é a rima de divina. Um anjo, mamãe!

— Oxala sejam felizes.

— Com certeza; mamãe verá. Casaram-se. Ricardo era todo para a realidade do amor. Conserveu a Venus de Milo, e divina Venus, pois não parou, apesar dos protestos de mãe, de sua mulher. Convent sabre que o noivo, essa musa tarde na Barra, Marcela e Virginia estavam casadas. As outras moças, que Ricardo amou e cantou, tinha já marido. O poeta deixou de poetar, com grande melancolia dos seus admiradores. Um deles perguntou-lhe um dia, ancioso:

— Então você não faz mais versos?

— Não se pôde fazer tudo, respondeu Ricardo, acariciando os seus cinco filhos.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 45,00

FASCICULOS AVULSOS:

Dos Volumes da 1ª fase (I a VIII) Cr\$ 50,00

Dos volumes IX e X Cr\$ 5,00

Do volume XI Cr\$ 4,00

Brochura dos volumes IX e X Cr\$ 100,00

NÚMEROS ATRAZADOS

Avenida Abnirante Barroso n.º 72, 12.º andar Telefone 22-6981

ral 9. Tratar com Sérgio Pinheiro.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

"SÃO PAULO"
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇÚCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônicio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enoch Maranhão.

Poesias de Augusto Frederico Colin

AUGUSTO FREDERICO COLIN

Nasceu em S. Luís (Maranhão), em 1872. Estudou em vários colégios na Província local, frequentou faculdades superiores, fez o curso de humanidades. Não era doutor. Contava sabia (falava e escrevia) várias línguas, notadamente francês, grego e latim.

Vio para o Rio de Janeiro ainda jovem, obtendo colocação no Ministério da Fazenda, onde foi subindo sempre de posto, promovido sempre por merecimento; chegou a ser Oficial-Mor da Secretaria de Estado da Fazenda. Aqui se casou com D. Maria Francisca dos Santos Colin.

Em 1893 obteve o primeiro emprego, na Província do Maranhão: o de amanuense da Secretaria da Assembléa Legislativa.

Foi Secretário do Governo da Província do Paraná, nomeado em 27 de setembro de 1892. Deixando o cargo no Paraná, voltou ao Ministério da Fazenda.

Foi deputado em 1894-95 e 1896-97, representando a sua Província na Câmara Federal, foi Cavaleiro, Oficial e Comendador da Ordem Imperial da Rosa. Em maio de 1898, S. Magestade D. Pedro II agraciou-o com o título de Conselheiro.

Ocupou o lugar de chefe de gabinete de vários Ministérios do Império, inclusive o Conselheiro Ferraz, depois Barão de Uruguiana, Visconde de Itaboraí, Conselheiro Salles Torres Homem, Antônio Ferreira Viana e Visconde de Ouro Preto.

Quando foi proclamada a República em 15 de novembro de 1889, o primeiro ato de Augusto Frederico Colin foi pedir aposentadoria, pois não desejava servir ao regime que derrubara o trono. Não teve deferimento imediato o pedido. O próprio Rui Barbosa Ministro da Fazenda, interveio, no sentido de persuadi-lo a continuar, nem ele. Rui. foi atendido. A aposentadoria foi concedida afinal, em 21 de maio de 1890, e com todos os vencimentos.

Rui Barbosa escreveu-lhe então a seguinte carta, datada de 21 de maio de 1890:

"Exmo. Sr. Conselheiro Colin,

Quand'eu vi os seus longos e excelentes serviços durante quarenta anos nos cargos que não ocupou, resolvi dar-lhe, por decreto de hoje, a aposentadoria com todos os vencimentos.

Sabe que verá neste ato um expressivo testemunho de meu apreço pela sua pessoa e pela homenagem da sua vida oficial.

Com especial estima

do V. Excia.
Mto. Alto e afiso.
o Kay Barbosa"

Faleceu com 75 anos, no Rio de Janeiro, a 21 de agosto de 1897, na casa de sua propriedade, em Botafogo, à Rua da Matriz, então n.º 71.

Deixou dois filhos: Eduardo Augusto Colin, funcionário da Alfândega, e José Maria Augusto Colin, que, em 1909, casou-se com Adolfo Alexandre de Queiroz Ferreira. Outros filhos: — Carlos Augusto Colin e Rodrigo Augusto Colin morreram ainda infantes.

Deixou "Manual de Fazenda", obra que teve várias edições.

Redigiu, em 1845, com Luiz Antônio Vieira da Silva, Antônio Henriques Leal, Pedro Guimarães e Reis Rial, o "Jornal de Instrução e Recreio" (Maranhão).

Os poemas de Augusto Frederico Colin, que em novas páginas publicamos hoje, são rigorosamente inéditos.

ELA

Il est beau d'oir la prière fervente
Aux lèvres d'une vierge,
ange pur, fleur vivente.

TURQUETY

Fu a vi — era um anjo: a Deus orava.
Prostrada aos pés do altar — como era bela!
Vestida para a Virgem tinha os olhos
Em êxtase de fé d'amor ardente,
Por entre preces cândida subia.
Como remonta aos céus cheirosa incensa
Ao Eterno sua alma reiga e pura.
Do turbilhão sacro, ao som de cantos!

Era um anjo dos céus baixado à terra,
Contemplando saudoso a pátria estância;
Flor de inocência, quadro de beleza,
Tipo de criação, obra de esmero
Das mãos do grão-Artífice Supremo
Animada por sopro milagroso.

Bras mecia-lhe brincava em torno,
Nupcialmente-lhe a coma espessa e negra.
Que as pudibundas faces lhe cercava.
E a transparente cassa que seus membros
Mimosos, torneados, encobria.
Leve murmurar seus rubros lábios
Docemente agitava — qual murmurio
De fonte que entre pedras se resvala,
Ou qual em bosque tremulo de rictos

Sussurra a fresca aragem benfazeja,
Ao declinar do Sol, em dia estivo.
— Era um anjo dos céus baixado à terra,
Contemplando saudoso a pátria estância!

De transelejo finíssimo pendia
Ao colo de alabastro transparente
Alvora cruz delicada; arfava o seio.
E a branda ondulação brilhar fazia
Das luzes no reflexo a cruz sagrada
A espádua sobre o peito, desnotando
Como um santo farol, refúgio sacro,
Mantão bendita de christãs virtudes.

Co'a delicada mão traço devota
O sinal dos crísticos da fronte ao seio.
E cessou de rezar, e esqueceu-se airoso,
Olhando ainda uma vez a Virgem santa.
E um riso d'innocência e de candura,
Nos lábios assumou, de doce enlevo...
Ah! não era mulher este tão belo.
— Era um anjo dos céus baixado à terra
Contemplando saudoso a pátria estância!

Outubro 1846

A VIRGEM QUE EU AMO

Eu amo uma virgem de peito engraçado.
Figura gentil;
Que tem belos olhos de um negro bem lindo,
Que brilham qual astro de Venus — sorrindo
Em campo d'anil.

A virgem que eu amo, tem lábios de rosa;
Tem colo de neve;
Tem hombrões de jaspé, e bem torneados;
Tem negras madeixas de seda formadas;
Cintura mul breve.

Mas ah! de que serve tam belo composto
De formas, de graças,
De extrema lindura.
Se a peito tem falso, se é falso seu rosto,
Se tenue parcela não tem de firmeza?

Subtil beija-flor
Nos ares librando
Volúvel, inquisito, travesso adejando
De flor sobre flor

E meias volúvel do que é seu amor.
A flor que varia de cor todo instante,
Que nivea desponta d'aurora ao fulgor,
Qual rosa se tortua depois radiante

De rosa se muda,
Do sol ao pendor,
Em cor purpurina.

E' menos mudável do que é seu amor.
Práteo é seu rosto, de graças ornado.
De lírios faceiro.
E gestos loureiros.

Que tal dissimula, com tanto primor,
Que ilude, faceira, ao ardente amador,
Que louco a seus pés se arroja exclamando:
Oh! tu, que és meu lume, tem dó deste amor!

E a perdida ri-se, fingindo pudor.
Os olhos baixando com meiga isenção;
O misero humano um anjo do céu
Julgando que a terra ignota desce,

Adora a donzela
— Tam santa quam bela —
Com grande fervor,
Fanática ardente, fogosa paixão.

Tal é a donzela que eu amo na terra,
Formosa, gentil.
Que tem belos olhos de um negro bem lindo.
Que brilham qual astro de Venus — sorrindo
Em campos d'anil!

Junho 1849.

UM RISO

Laisse-moi pénétrer de roses
La tendre mousse ou tu s'assieds...

LAMARTINE

Longe pesares,
Oh! minha lira;
Tempera as cordas,
Que amor me inspira.

Hoje risonha
Alta ventura
Veio banir-me
Negra tristura.

A minha bela
Num doce riso
Mostrou-me as graças
Do paraíso.

Embevecido
De tal magia,
Senti que o peito
D'amor ardia.

Quanto mais olho
O seu semelhante
Mais preso sinto
Meu peito amante

Fresca, risonha,
Meiga, formosa.
Olhos celestes.

A tez mimosa



Augusto Frederico Colin

Esbelto talhe,
Garbo gentil,
Belos cabelos,
Lindo perfil.

Nada há que posea
Ser comparável
A cristura
Tam bela e amável!

Tem alma branda,
Gênio teles;
Ninguém a crêra
Entre terrestres!

Anjo dos anjos,
Temo-me enlevado;
Meu coração
Tua cativado.

Dá-me outro riso,
Virgem formosa;
Mas já me foges
Tam pressurosa?!

Como do beijo
Casto rubor
Te cora as faces
De rubra cor!

Es qual judica
Herva mimosa,
Que ao lato as fôlhas
Cerra medrosa.

Os céus permitam
Que eu possa um dia
Gozar contigo
Terna alegria.

Como brilhar,
O' virgem bela,
D'amor nos céus
A nossa estrela!

A AMIZADE

— No álbum da Ilma. e Exma.
Sra. D. Angelina Amalia Me-
reira de Macedo.

Quanto é doce sobre a terra
Um coração possuir
Que entenda nossos afetos,
Que ainta nosso sentir!

Que sobre as chagas profundas
Do nosso cruel penar
Derrame nectar suave,
Para as dores mitigar;

Que como a estrela benquista
Do nauta no alto mar,
Que o conduz seguro e firme
Abre as ondas a bramar.

Seja o norte, seja a esperança,
Seja da vida o farol,
Que a existência illumine
Como a luz clara do sol.

Tu, que de Adelin a amizade
Possues, mimosa Angelina,
Es feliz mais do que os anjos,
Que habitam a mansão divina.

Mui feliz: porque esse afeto
Procede de uma alma pura,
D'onde ressumbram enleivos
De serafica doçura.

D'uma alma que a divindade
Embeceu-se de adornar

Das mais sublimes virtudes
Para a terra abrilhantar.

D'uma alma que se levanta
Nas asas da inspiração
Té a Deus, a quem consagra
A mais divina oblação.

O teu nome em doces venas,
Por sua lira cantado,
Transpõe futuros evoos,
Planará eternizado.

E mui grato os vindouros
Te darão louvores mil
Por teres feito as delicias
Da Poesia do Brasil.

Agosto 1861.

TRISTE DO VATE!

Triste o condão do Vate! Solitário
Quasi sempre vagueia sobre a terra,
Sem jamais encontrar quem o comprenda!
Alma voltada à dor geme sozinho.

Após da infância os risos prazenteiros,
Os sonhos da ventura, e o meio e alegre
Encenar de um futuro lisonjeiro.
O friso desengano vem murchar-lhe
A cada passo, a cada instante, e sempre
A flor d'esperança que lhe ornava a fronte!
Uma por uma as odorosas pétalas
Cruel decepção vem arrancar-lhe!

Acaso no caminho da existência
Meiga jovem topou; sorriu-lhe néalma
A já murchada flor; e estro ardeu-lhe
Nas chamas da poesia; olhou a virgem,
E a virgem lhe sorriu... Oh! era engano!
Requebro d'álbum, estudadas frases,
Concertado menção — tudo — tudo...
Era a falsa ilusão, que se encarnava
Em forma de mulher para trai-lo!

E' puro o amor do vate; como os raios
Do sol da primavera não se espalha
Em claro impuro de ledosas águas;
Seus reflexos de opala só se miram
Em límpidos cristais de linfa clara.
Não é no peito da mulher fingida,
Que pretende reinar; sítio orgulho
O coração lhe eleva, e pronto o saíra.

E procura na terra alma de virgem.
Cheia de culto amor, qual em seus sonhos
Pensou, quando de noite olhava os astros!
E a não pôde encontrar; e vácuo o mundo
Para o peito do vate; o seu afeto
Imetido — como Deus — não pode o peito
Entrar de uma mulher estreito e fraco,
E chorou na amargura de sua alma;
E conheceu por fim que era baldado
Na terra procurar a alta ventura.
Que só em sonhos pode haver um Vate!

Março 1861

OS TUMULOS

Minha fiel companheira,
Amiga melancolia,
Agora que no ocidente
Sumiu-se o astro do dia.

Vamos as caméas dos mortos
Procurar meditações,
Que inspirem soem tais sítios
A magoados corações.

Aqui jaz uma donzela,
Fresca, risonha, e formosa.
Que ceifou a morte terra
Na bela quadra mimosa.

O solo que lhe resguarda
O tenro corpo gelado,
De boninas e de goivos
Anda se vé juncado.

Pelo amante inconsolável,
Al foram colocados
Cujos sinais dos joelhos
Inda no chão estão gravados.

Ali o marmore esconde
Um velho pai venerando;
Lá um filho respeitoso
Se encontra às vezes grande.

Um máu filho de outra parte
Sobre o terreno passeta,
Que as cinzas cobre paternais,
E nem remorso o anela.

E nenhuma só lembrança
O coração lhe comove.
Parece que aos passos seus
A fria terra se move.

Lá d'uma campa um suspiro
Se exalou mui prolongado,
Que sala dos despojos
D'um mancoço infelizmente.

A própria morte não pode
Os pesares mitigar
Que lhe punge no lmo peito
D'uma ingratidão a alazão.

As penas sobre o sepulcro
A jovem fronte inclinou,

Poesias de Augusto Frederico Colin

A infida amante por outro
Jurada se quebrantou.

Nem no remanso do tianado
Acha abrigo o desgraçado
Lá mesmo o persegue irado
Um cruél adevo fado.

Por debaixo desta campã
Eu sinto as ossas ranger
D'un malvado, que parece
Querer o mármore esgarçar.

As maldições que lhe pesam
Dos crimes que cometeu
Te no sepulcro o perseguem
Onde o Eterno o escondem.

All dorme o sono eterno
Sonhando em seu jarigo
Um que crê na existência
Jamais abrigou consigo.

Em sua alma benfazeja
Jamais remorso adejou
Por isso a vida que teve
Toda o céu abençoou.

El jaz hoje repousando
Na mansão celestia
Despida do fúgil barro
Em figura angelica.

Incentinha menina,
Qual bonita aqui desceu
Mal a vida começava
No sepulcro se escondia.

Mas quem sabe se a bondade
De Deus aprouve roubá-la
A desastres e infortúnios
Que deram de crê-la.

Inimamente a pô se tornar
Aqui todos os videntes
Negros vermes do sepulcro
Conjunctos todos os entes.

Agosto 1845.

A MULHER

(No álbum da Exma. Sra. D. Maria Luiza
Alvares de Azevedo).

Entre espinhos nasce a rosa,
Primorosa,

Exalando almos olores;
D'entre as asas da pomba

Brilha a estrela
Disseminando vãos temores;

De sobre a terra escarpada
Debruçada

Corre a linfa transparente;
Vicia causa mimoso

Preçoso,
Em prulhos de arêa ardente.

Entre as borrasças da vida,
Oprimida,

Rala sempre uma bonança;
Do coração magoado,

Torturado,
Entre as dores nasce a esperança.

Após as trevas noturnas,
Tacturnas,

Surge o sol a fulgurar;
Lêdes sonhos ilusórios
Vem ligeiros
Nossos desgostos calmar;

Tal a vida: — o Onipotente
Providente,
Junto à noite pôz o dia;
— Ao sol a sombra; e no calor

O frescor
Co'a mais sublime harmonia.

Como um astro radiante,
Coruscante,
Do mais límpido fulgor;
Na terra alçou magestosa,

Portantosa
A mulher — anjo d'amor.

De seus lábios nacarados,
Perturbados,

Dimana a consolação,
Mago sorrir delicado,
Doce agrado

Brada paz ao coração.
E' su'alma um templo imenso,

Onde o incenso
Vive sempre a fumar.
Como um hino que da terra

Se decerra
Para a Deus louvores dar.

Oh! virgem, — tal é teu fado
Consagrado

Nos decretos do Senhor;
Teu ser a terra abrilhanta
Como encanta

No prado chorosa flor,
Se pois florinha singela,

Pura e bela,
Neste mundo a recender
Aureos perfumes na vida

Que ferida
E' da dor até morrer,

Nunca um negro pensamento
Um momento

Te faga o peito agitar;
Nem do rosto as frescas rosas

Melindrosas
Venha a tristura murchar.

5 de fevereiro 1861

A SAUDADE

*La voix de ma douleur s'élève
dans la nuit.*

MILLEVOYE

Em paz os entes repousam.
A natureza jaz tranqüila;

Da noite o manto estrelado
Por sobre a terra cintila.

Somente a acia se escuta
Suspirando levemente.

E as sazes ondas nas praias
Que se quebram docemente.

Eternos hinos murmuram
Ao eterno Ser, que as criou

Que aos homens, brutos, e plantas
Coração, vida, outorgou.

Tudo dorme... só minha alma
Vigilante, atribulada,
Sente d'ausência o martírio,
Oh! minha Alzira adorada!

Ardor sinto, devorar-me
O intenso fogo d'amor,
Que os tristes dias consome
De teu sincero amador.

Entretanto tu a esta hora
Talvez ao sono cedendo,
Em teu leito de inocência,
Não pensas que estou gemendo!

Sob as asas protectoras
Do teu Anjo adormeces-te,
Mimosa virgem celeste,
E o teu amante espreceste!...

Os anjos dormem tranqüilos;
E' tranqüilo o teu dormir;
Os anjos riem sonhando;
Sonhando estás a sorrir.

Eu te vejo, ó bela virgem,
Por entre o véu da saudade,
Através mesmo do espaço
Através da Eternidade...

Mas quem sabe se a saudade
No teu peito penetrando
Um sonho pra mim dizes
Te vai lenta despertando.

Co'a porta d'asa roçando
Um meigo sonho d'alber
Te fala do amante ausente
Te fala da minha dor.

Uma lágrima te corre
Pelo rosto angelical,
Resaltando, doce, ovalha
O teu seio virginal...

Soltaste tenaz suspiro,
E a custo os olhos abridos,
A imagem dos teus sonhos
Rápidos vês ir fugindo.

Como a aurora entre as trevas
Surge bela e radiante
Tal do sonho tu surgiste
Com casto riso ao semblante.

Os teus sonhos pela mente
Inda confusos voando,
O teu amante extenuado
Inda te está recordando...

Mas, ó louco, onde te arrastas,
Quem te enleva a fantasia?
— E' da saudade o tormento,
— E' da saudade a agonia...

Ela que a facha maltrina
Os horizontes clareia;
Os passarinhos alegres
Sustentando já gorgeiam.

A natureza desperta
Do seu sono volutuosos;
Como é linda a natureza
No surgir do seu repouso!

Já descestem pelos montes
Os alegres dos pastores,
Os prados vejo amaldiçoados
De frescas fontes e flores.

Adeus Alzira: já sinto
Minha voz enrouquecer,
E o peito já de canção
Está-me triste a gemer.

Possa um dia o céu benigno
Nossos destinos mudar...
Dado amor, grata ventura
Nos teus braços destituir.

Junho 1846

A MELANCOLIA

Pelas céus não diviso uma estrela,
Que a minha alma de vida e calor;
Sobre a terra não vejo donzela,
A quem diga — és meu bem, meu amor!

E assim, e tristoso vagando
Do Universo na vasta amplitude,
Sem ter onde minha alma se nide
Da tristura fogindo ao bulcão.

Sem amor esta vida incognita
E' deserto d'arêa e calor,
Onde o ser definhando presente
O perdido, infeliz viaja.

Como é triste no meio das ondas:
Grão agudo de homem que expira;
Como é triste o carpido da mena,
Do poeta que n'ausência suspira.

Como é triste a saudade da esposa
Ansiosa o consorte esperando;
Como é triste o chorar d'uma virgem
Sobre o corpo d'un pai venerando.

Como é triste em um cerro escabroso
Tenra flor a sorrir-se a procela;
Como é triste o mar torvo, agitado,
Sem do céu reflectir uma estrela;

Como é triste o gentio saudoso
D'alcyon pelas águas voando;
Como é triste o silêncio das campas
Pela noite, bem negra, reinando...

Tal é triste o viver solitário
Do universo na imensa extensão,
Sem achar quem sua alma compreenda,
Quem domine no seu coração.

Tenho visto semelhantes formosas
A sorrir-me com meiga expressão,
Tenho ouvido palavras sonoras,
Que produzem suave acção.

Mas meu peito é gelado, e não sente
Do sorriso gentil doce effeito,
Nem das magicas frases o encanto,
Que poixões insinua no peito.

Sou qual homem que expira nas ondas;
Qual poeta n'ausência cantando;
Qual esposa aguardando o consorte;
Qual a filha seu pai deplorando.

Sou qual flor solitária num cerro,
Qual sem luz no oceano agitado;
Qual nas águas alcyon gemendo;
Qual das campas silêncio pausado.

Pelas céus não diviso uma estrela,
Que a minha alma de vida e calor;
Sobre a terra não vejo donzela,
A quem diga — és meu bem — meu amor!

Abri 1846

DIOGO GRASSON TINOCO M E R I M É E

Diogo Grasson Tinoco ("Grasson", "Garçon" ou "Gareño", como também lhe têm escrito o nome) é o mais antigo poeta épico do Brasil. Seu posto foi confiado, durante longos anos, a Bento Teixeira, o árduo autor da "Pirropopeia". Mas já agora, depois das incansáveis pesquisas de Rodolfo Garcia, sabemos que Bento Teixeira, é português de nascimento. E o ilustre lugar passou a caber a Diogo Grasson Tinoco. Isto por enquanto: por que a bem provável que daqui a pouco surja algum erudito munido de novas e elementos de estudo que venha provar-nos que igualmente Diogo Grasson Tinoco era português... O velho Blake está plenamente seguro de si, nesse perigoso terreno. No segundo volume de seu "Dicionário", tratando do poeta, ele diz: "Não sei em que lugar do Brasil nasceu. Sei que é brasileiro..." E toda a base que invocamos para a afirmativa é o fato de haver sido Tinoco incluído na "Fonética" de Varadouro. Concluindo que é uma razão muito insuficiente...

Sabe-se da existência de Diogo Grasson Tinoco pela notícia que dele nos dá Claudio Manuel da Costa no "Fundamento Histórico" de seu poema "Villa Rica". Conta Claudio que o poeta escrevera no ano de 1689 um poema sobre o descobrimento das minas de ouro — poema que ele, Claudio, leu em manuscrito. Relatavam-se ali os feitos de Fernão Dias Paes, desde a curta que recebera de D. Afonso VI, na qual lhe era recomendado desde a Agostinha Barbalho todo o suor para o descobrimento das esmeraldas. Estende-se o poema até a morte de Fernão Dias, acrida à margem do Guaiçú, sete anos depois. E, como se vê, o mesmo assunto do "Caçador de Esmeraldas", de Olavo Bilac.

Em seu "Fundamento Histórico", Claudio Manuel da Costa apresenta quatro estâncias de Diogo Grasson Tinoco — estâncias que são as únicas que do poeta se conhecem ainda hoje. São as de números XXVII, XXXV, IV e LXI, e aqui vão reproduzidas, na ordem em que as cita o poema de Claudio:

ESTANCIA XXVII:

Lendo a Fernando, achou que El-Rei mandava
Dar-lhe ajuda e favor para esta empresa
E em ajudar mantimentos se empenhava
Com zelo liberal, rara grandeza;
Mas por que exausta a terra então se achava
E convinha o socorro em com presteza.
Mandou-lhe dar cem negros carregados
A' custa de seus bens e seus cuidados.

ESTANCIA XXXV:

Parte enfim para os serros pretendidos
Derivando a pátria transformada em fontes,
Por terras nunca usadas, nem sabidas,
Cortando matos, e arrastando montes,
Os rios valendo mais tardias
Em jagadas, canoas, balizas, pontes,
Sofrendo enlutas, padecendo frias,
Por montes, campos, serras, vales, rios.

ESTANCIA IV:

Isto supposto, já para a jornada
Manda a Pátria buscar quanto a seu cargo
Incumbia, pois que a fábrica fundada
Destruída se vê do tempo largo;
Determina a fidel consorte amada
Que a nada do que pode ponha embargo,
Inda que sejam por tal fim vendidas
Das filhentas as jóias mais queridas.

ESTANCIA

Era o Silvestre moço valeroso,
Sobre nervado, de perfida alheio,
O gesto respirava um ar brioso,
Que nunca condecer a vile recio.
Pintado de uruçá vinha pomposo,
E o lábio baixo riu pelo meio,
Com três penas de arara laudado,
De flechas, de arco e de garrote armado.

Para os historiadores da literatura brasileira Diogo Grasson Tinoco continua a ser um mistério complicadíssimo. Silvio de Lencastre o nome, que Veríssimo e Ronald ignoram. Artur Mota nada adianta, além do que dele sabe Claudio Manuel da Costa. Afrânio Peixoto, que sobre ele escreveu um pequeno ensaio nas "Notícias Literárias" (transcrito depois na "Revista da Condição na pág. 92)

CONCLUSÃO DA PÁG. 84:

volteja, transformada a um alma nua ave...

Morime, o descrente de tudo, é sentimental, muitas vezes, como uma moçoila. Já velho acolhe para viver em sua companhia duas damas histéricas. Um dia um amigo o encontra trêz vezes tão mencionado que está quase em pânico. Indica da modo daquela tristeza, Vem a saber que um dia das damas histéricas se achou no ferreo.

Esse coração assim sensível e compassivo a um dos espíritos mais estranhos do seu tempo. Ele discorria de repleções infinitas: a história, a geografia, a crítica literária, o amor, tudo as respectivas literaturas, o italiano, o grego, o latino, o espanhol e o russo; falava o céu a imagem dos acontecimentos da Espanha, da Espanha o descobridor os domos d'ouro; falava os dialetos da Espanha... Da Espanha, de resto, seria lógico dizer que ele a trans, incorporada à sua alma. Leta-se Carmen, o mais espantoso dos romances do século passado. Não é um prodígio essa arte em que as mais finas nuances psicológicas estão traçadas, e como que halitadas do clarão do grande al lírico?

De Victor Hugo já houve quem dissesse que era o maior poeta espanhol da língua francesa. Quanto a Melrimé se ele se nos apresenta como um grande novelista espanhol em Carmen, apresenta-se-nos também, em outras de suas obras, como um autêntico italiano, e um autêntico grego, e um autêntico lírio... Tudo isso foi por análise maravilhosa de universalidade, que os distintos amáveis concederam ao seu gênio.

SONETOS DE ÚLTIMA HORA

Cassiano Ricardo

DESEJO

Tenho das estrelas luzido
há tanto tempo.

Fernando Pessoa

As coisas que não conseguem morrer
ao fim são chamadas eternas.
As estrelas, dolorosas lanternas
que não sabem o que é deixar de ser.

O tempo incognoscível que governa
o meu querer, como o meu não-querer.
Quanto estar entre as simples luzernas
que vivem no primeiro entardecer.

Sei bem — e não nas coisas mais ditosas
quanta não breves, como são as penas —
é não sonhar, é nada mais obter.

O tempo dourado de o não ser
entre as coisas que são, e as nebulosas
que não conseguem dormir nem morrer.

INCOGNITA

Escrevi o teu nome na pedra
mas não sei quem te escondo o sentido
com a mão de ferrugem e de murgos
com que, muita vez, inventa o olvido.

Escrevi o teu nome na areia
mas não sei quem apagou o teu nome
com a esponja verde-fúida da vaga
e le levou para o esconderijo eterno.

Escrevi o teu nome num livro
mas não sei quem emprestou ao teu nome
com a sua batina, um significado terrível.

Promissemos o teu nome, em silêncio,
mas ouvimos o silêncio mudo
que impregnava as palavras que eu digo.

CHUVA

Com que graça tremula, ó girassol,
o teu pequeno sol girou soube
desde a primeira viagem para oeste
e a flor bilibila que acompanha o sol.

Chove. Uma chuva fria, as casas veste,
la fora, zune o vento em ai bemol.
E como lá de pampar, sem arrebol,
a tua tremula obrigação celeste?

Nunca o horizonte me chegou tão perto,
como hoje, sob o guarda-chuva aberto.
Sobria em mim um longe "music-hall"

Chove e eu penso: haverá coisa, mais vã
que a saudade possuir olhos de chuva
e se ter a coração de girassol?

GEOGRAFIA DO SONO

Bom tempo aquele, quando as criaturas
mudavam de alma e a ser a qualquer hora.
Agora, nestas horas tão obscuras,
onde a simetria dessa antiga aurora?

Ficou-tão, desse tempo, posto fora,
em paga destas, de hoje, desventuras,
um só bem, o do sono, em que ainda mora
o sonho que é o lugar das várias promessas.

Por ser eterno é que só Deus não ousa
deixar de ser quem é, ser outra coisa.
Porém, bem haja a borboleta e o eclipse.

Bem haja a criatura que, tristonha,
sem poder ser o anjo do Apocalipse,
passa a ser quem não é, se dorme ou sonha.

O GALO DAS CINCO HORAS

É um galo nítido, autossuficiente,
com uma clareza de clarim noturno.
Que deve ter a plumagem verde-lua,
e cuja crista é a própria estrela da lua.

Cantou muito esta noite, cantou muito
qual se tivesse, como de costume,
uma crista secreta pra dizer-nos
mais surpreendente do que a madrugada.

Há quanto séculos este galo canta?
Mas, amanhã e a manhã é, apenas,
a face cor de rosa de um abismo
(seguinte) uma manhã que nunca chega,
e que promete, sempre, a mesma coisa,
por só existir na garganta dos galos.

A DESENTERRADA

Por entroncos cúbicos e dados
brancos cujo sexta face ninguém vê,
meu pensamento entra no mistério
em que caminhas brandamente, deitada.

Rodeado por muitas luas e impellido
pela minha saudade física, procuro,
no chão, o luar eterno do teu corpo,
no gesto de levar-te três magnólias.

Mas só encontro de eterno na matéria
que foi tua, em teu corpo hoje noturno,
o cabelo — cabelo sempre-vivo.

Que arranco ao solo e que me fica, ruivo,
nas mãos frias brilhando lentamente,
qual ramo de árvore entre pirâmides?

O ACONTECIMENTO SORRI

Vou por uma rua, vou (quasi sem destino)
por uma rua da cidade gris, volto por outra.
Dou com o rosto no rosto do meu próximo
como nem espelho: o espelho tinha.

O meu próximo é áspere; é áspere e massiliaco
Sobrisa um mundo futuro e o seu número de
ordem

está longe ainda, muito longe ainda,
no rio das rotas que só se aproximam em série.
Surpreendida por haver, ainda, amanhã,
que pensavam não mais existisse, não mais,
as rosas nascerem, rosas sem primavera.

Chutla uma baloneta. O acontecimento torri.
Mas está muito longe, ainda muito longe,
o mundo, o ser irmão que o meu próximo espera.

OS LIVROS

Não te deixes os meus olhos, pobre coço,
porque eles não te tornarão feliz.
Toda a desesperança que carregas
vem das coisas que vi, não do que fiz.

Além disso, estes livros — não o negro —
já que o mundo cruí vé-lo não quis,
só eu os vejo e com o meu suor os rego;
não, em segredo, a minha flor de lis.

Só eu os vejo, em segredos delirios.
Só eu os sei colher, à noite, aos molhos,
brancos de qualquer mal: mas — isto é
humano —

apenas pelo amor de ver os livros
tu não has de querer meus verdes olhos
onde, só por chorar, mora um oceano.

O SONETO DAS TRÊS DORES

Três dores, cada uma com o seu rosto.
A primeira quer ser contada aos outros.
Porque, contada, tem a sua cura.
A confissão lhe atenua a amargura.

A segunda é indizível, monossilábica
que não consegue arrancar do peito.
Grita, e ela não escuta o teu grito;
vais ao espelho e não lhe vês a imagem.

A terceira, lígnea e imaterial ferida,
só encontra remédio em teu silêncio
porque dói mais exposta do que oculta.

Nunca a suportarias nua e crua.
Seria como se estivesses vendo
o teu corpo arrastado pela rua.

CRISTAL

No pó fiquei disperso, nestes poemas
pulverizei meu ser, com o uso, em átomos
líquidos, pólen — dispersi-me em flores.
Flores que já não se existem, e onde,

Não mais me encontro, em ponto algum da
terra.

Confundindo com coisas e ais secretos,
só me resta um retângulo de prata,
só e pé que ficou dos meus sapatos.

Só me resta um lugar, onde o meu signo
permanece, ou não, adivinha, adivinha.
Porta de encontro entre a manhã e o nada.

É este ângulo profundo, mas inglorio.
É este cristal, irmão obrigatório,
que me oferece, a mim, meu próprio rosto.

MODERNA LUA

Embarcarei num pássaro de ferro,
e irei descer, de frente ou de perfil,
no rosto cheio ou na meia falha,
que será tu, o lua, alva gentil.

Deixarei de ser poeta, o que hoje moro,
na terra, para ser ósso e barro vil,
e, em ti, ser homem prático ou — se queres —
um caçador sem flauta ou arreboli.

Tuas mulheres nunca são diurnas?
Serás, Selene, algo além do que vi?
sob árvores brancamente noturnas?

Mas me basta a certeza de que, aí,
não existe a saudade, a flor lunática,
que felizmente só existiu aqui.

PISICO-AUTOGRAFO

Eu sou eu mesmo, o que nunca foi outro.
Eu mesmo o eternamente condenado
a obedecer à física do estorço,
não obstante ao não preferir a rosa.

A exibir meu sinal, qual fez Ulisses,
ao retornar, aos seus, e já ignorado.
A ter, na vida, um número de porta,
por onde entrou, e ha-de sair meu corpo.

Eu sou eu mesmo, e pra sempre forçado
a seguir para a frente de batalha,
e voltar caminhando, em carne e osso,
sobre minhas feridas. E — já morto, —
a provar, quanto mais desdichado,
que nunca fui tão eu, tão nenhum outro.

IARA A MULHER VERDE

Neste país de coisas em excesso
o sol me agride, o azul passa da conta.
No entanto, os poucos beijos que te peço
o teu amor futuro me desconta.

De tanto eu tenho a cabeça tonta.
O meu jornal é todo em verde impresso.
Só tu, a quem já um pássaro amedronta,
te fechas no mais íntimo recessos...

No país do excesso, és muito pouca.
Vês a borboleta jovem, como evoca.
Vês com nos convidada a manhã-lua?

Por que seves assim, se tudo é assombro,
se a própria nuvem branca - e com que graça
se fala vir pousar em nesses ombros?

FALECIMENTO DE PIRES DO RIO

No Nova Delhi, Índia, faleceu no dia
23 de julho o Dr. José Pires do Rio,
chefe do Departamento de Saúde Pública,
e diretor tesoureiro do Jornal do Brasil.

É um dos grandes valores do país,
cientista eminente, humanista,
de caráter inteligente e realista, espírito
sempre impulsionado por um ardente amor à pátria.

O Dr. José Pires do Rio nasceu em
Guaratupetá, São Paulo, a 26 de novembro
de 1883, e era filho do Coronel
Rafael Pires do Rio e D. Ana
Barbosa de Barros Pires do Rio.

Cursara foi aluno dos Salesianos de
Taubaté. Fimdo o curso secundário,
matriculou-se para Minas e se diploma-
rou em Engenharia na Escola de Mi-
nhas de Ouro Preto. Foi o primeiro alu-
mo de sua turma, e é o terceiro ali-
mentos em toda a vida da Escola. O
primeiro foi Calogeras e o segundo
Mário Rache. O livro com que con-
cluiu o curso deu-lhe como prêmio
uma viagem à Europa.

De regresso, obteve o seu primeiro
emprego no Brasil, que foi no Cais do
Fundo, sob a direção do saudoso Fran-
cisco Bianchi. Trabalhou depois como
engenheiro da Inspeção de Estradas
e da Inspeção de Obras contra as Se-
cas. Ali foi escolhido o Espião Pessoa
para a direção do seu escritório e ele con-
tinua a pasta da Viação.

Após deixar esse Ministério, foi incluído
na chapa para deputado pelo seu
partido, Carlos de Campos, assumindo
o cargo de deputado da grande Estado, Ju-
lio Pires, recebendo o governo de
Carlos de Campos, conservou-o em
seu alto posto.

Entre as obras que ali iniciou, con-
sta a reforma do Tietê. Deverá
ser concluída, também, os esforços
que fez para a solução dos problemas
mais urgentes de higiene e embelezam-
ento urbano de São Paulo, como
o do lixo, o do calçamento da cidade,
Saturação de Brito, que ele levou pa-

ra São Paulo, foi um dos seus auxi-
liares mais eficazes.

Depois da revolução de 1930, afastou-
se da vida pública e dedicou-se a in-
tensas estudos de história e de cien-
cias práticas. Ao seu retiro, porém,
foram buscadas as que sublim que não
podiam prescindir de suas luzes. Fize-

Transportou-se para o Rio, e veio
a ser um dos diretores da Companhia
Comércio e Navegação e do "Jornal
do Brasil". Sua administração desta-
cou-se por audaciosos atos benéficos
para a vida daquela empresa e daquele
jornal. Lembremos, por exemplo a
resolução por ele operada dos contra-
tos onerosos que o "Jornal do Brasil"
mantinha com a Prefeitura.

Em 1945, na presidência do Dr. José
Linhares, voltou ele ao Ministério —
desta vez dirigindo a pasta da Fazenda.
Escreveu:

— O Combustível na Economia Na-
cional — 1946.

— O Combustível na Economia Uni-
versal. O combustível e a Civilização.
2.ª edição — 398 págs. — Livraria José
Olympio — Rio s. d. (1942).

Teve 3.ª edição.

— Realidades econômicas do Brasil
— 393 págs. — Livraria José Olympio
Editores — Rio — 1945.

COMO SE DEU O ORITO

Nova Delhi, 25 (A.F.P.). — O fale-
cimento, nesta Capital, domingo úl-
timo, do velho estadista, engenheiro
e jornalista brasileiro, José Pires do
Rio, foi em consequência de uma crise
cardíaca. O Dr. Pires do Rio, ex-mi-
nistro da Viação e Obras Públicas de
seu País e, desde algum tempo, um dos
diretores do "Jornal do Brasil", im-
portante órgão da imprensa do Rio de
Janeiro, chegara a esta Capital quinta-
feira, procedendo de Calcutá, depois
de ter passado um mês em Darjeeling
e de ter, antes, visitado vários países
europeus, no decurso de longa viagem
para estudos das condições do mundo.

O falecimento do Sr. Pires do Rio se-
deu no hotel em que estava hospeda-
do. Havia sido convidado a almoçar
na residência do embaixador de
seu País, domingo; como não chegasse
à embaixada, o 1.º secretário, Sr. V.
de Carvalho, estranhou o fato, tele-
fonou para o hotel. Nenhuma res-

OS DISCURSOS POLITICO-MORAIS

Conclusão da pág. 81.

Bastava esse destino para excitar o interesse e curiosidade do livro, que
a Academia agora faz imprimir na sua coleção dos clássicos brasileiros.

Sem embargo da resolução de Pombal, salvaram-se três exemplares, perten-
centes aos deões da Biblioteca Nacional e o terceiro a Alberto de Oliveira, que
o obteve em Portugal. Esse exemplar formo o mesmo de Inocência da Silva e
posteriormente de Aníbal Fernandes Torres.

Da obra de Feliciano apareceram apenas alguns excertos na *Mitologia
Bresleira* e na *Revista Brasileira*.

Só agora temos os *Discursos Politico-Morais*, em que é difícil lograr as
doutrinas esquemáticas a que se refere Pombal, aliás no seu tempo de livre pen-
sador e homem de idéias adiantadas.

Alberto de Oliveira, fazendo a crítica dos *Discursos*, fez notar a correção
de linguagem e a elevação da doutrina, que naturalmente coloca o autor no lado
de Matias Aires, e dos moralistas e filósofos do século XVIII.

Presteu assim a Academia notável serviço à nossa história literária, reim-
primindo esse livro raríssimo e digno de sorte melhor, que a que lhe deu o seu
século. Boa e excelente inspiração foi a de comprometer o preço elucidativo
a um escritor do alto mérito de Alberto de Oliveira, grande conhecedor dos
nossos livros.

Um pequeno erro escapou à reimpressão, dando na folha de rosto o nome do
Feliciano José em vez de Feliciano Joaquim, como está no original da primeira
edição.

Cumpre, ainda uma vez, assinalar a importância da coleção da Biblioteca
de Clássicos Brasileiros, que já nos tem dado valiosos volumes da nossa
literatura antiga ou esquecida. Essa obra grandiosa foi de iniciativa de Afrânio
Peixoto, a quem devemos os frutos desse empreendimento que é, ao lado do
Dicionário a obra mais valiosa e útil da Academia Brasileira.

O *Dicionário* é lento e obscuro no seu longo trabalho, mas a Biblioteca das
Autores Brasileiros é mais brilhante e mais vistosa e, ao que nos parece, vai
ter maior latitude no seu programa. Ainda há poucas apereceram os *Diálogos
de Grandezas do Brasil*, e prometidos vamos ter o *Periplo de America* e as
Cartas evulgas dos Jesuitas e ainda outras primícias da literatura nacional.

(Jornal do Brasil)



ram-no presidente da comissão técnica
instalada no Rio, para orientação da
bancada paulista. Logo depois o Clube
de Engenharia de São Paulo o ele-
giu seu presidente, passando a ter um
período de real florescimento, no qual
se destacaram iniciativas excelentes
como a sua revista, a criação do seu
primeiro laboratório de ensaios, etc.

posta lhe vindo, resolveu o diplomata
ir pessoalmente buscar o convidado.
A sua chegada ao hotel, teve, porém
que forçar a porta do apartamento do
eminente homem público brasileiro,
pois ninguém respondia. E encontrou
o Sr. Pires do Rio morto sobre o leito.
Um médico oficial foi chamado e ates-
tou a morte, depois de detalhado exa-
me cadavérico, na presença de um alto
funcionário do Ministério das Relações
Exteriores e do chefe de Polícia.
Fôra causa mortis: "crise cardíaca".

O Sr. Pires do Rio viajava, última-
mente, muitas e muitas horas em
avião, através do mundo, o que, por
certo, não lhe fizera bem ao organismo.
E pretendia ainda visitar vários países
do Oriente Médio. O corpo do Sr.
Pires do Rio foi imediatamente ena-
balismado, devendo ser transportado,
amanhã, quarta-feira, para Calcutá,
nas condições da Embaixada do Brasil.
De Calcutá o corpo do venerando po-
lítico brasileiro seguirá, por via mari-
tima, para o Rio de Janeiro.

